

PETRA ALEXANDRA MIRANDA TAVARES

**RELAÇÃO ENTRE CLIMA FAMILIAR E PROCESSOS
DE DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE:
PERCURSOS (IN)ADAPTATIVOS NA
ADOLESCÊNCIA E ADULTEZ EMERGENTE**

Orientadoras: Professora Doutora Ana Prioste e Professora Doutora Eunice Magalhães

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2017

PETRA ALEXANDRA MIRANDA TAVARES

**RELAÇÃO ENTRE CLIMA FAMILIAR E PROCESSOS
DE DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE:
PERCURSOS (IN)ADAPTATIVOS NA
ADOLESCÊNCIA E ADULTEZ EMERGENTE**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção de Grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 19 de dezembro de 2017, perante o Júri nomeado pelo seguinte Despacho Reitoral nº 358/2017, com a seguinte composição:

Presidente: Professora Doutora Patrícia Pascoal

Arguente: Professora Doutora Rita Francisco (Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa)

Orientadora: Professora Doutora Ana Prioste

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2017

Agradecimentos

Ao concluir esta etapa não poderia deixar de agradecer a todos os que me apoiaram durante o meu percurso académico. Nada teria sido possível sem eles. Muito obrigada!

Em primeiro lugar a Deus, pela força, fé e disposição, pela coragem para começar e a persistência para terminar.

À Professora Doutora Ana Prioste pela imensa disponibilidade, atenção, simpatia e paciência, pelo apoio imprescindível e incentivo constante. Por ser um exemplo de competência e profissionalismo, sempre disposta a auxiliar, a partilhar conhecimentos, a esclarecer dúvidas e a realizar sugestões. Nunca conseguirei agradecer o suficiente por toda a orientação prestada que foi crucial para que este trabalho se tornasse real.

À Professora Doutora Eunice Magalhães por cada esclarecimento, crítica e sugestão, pelo cuidado e rigor científico demonstrado, que foram fundamentais para o desenvolvimento desta dissertação.

A toda a minha família, principalmente aos meus pais, Carlos e Fernanda, que foram incansáveis durante estes cinco anos e nunca desistiram de mim, aos meus avós maternos, Fernando e Noémia, que me estenderam a mão em momentos que parecia não haver solução, e aos meus irmãos, Nádia e Moisés, que me inspiraram a seguir esta área de formação.

Aos amigos que sempre acreditaram em mim e nunca me deixaram cruzar os braços. Que sempre me incentivaram, independentemente das dificuldades e dos obstáculos. Que partilharam das minhas alegrias e ouviram as minhas frustrações. Um especial agradecimento à Cleo, Elionara, Catarina, Marina, Vânia, Alexandra, Bárbara, Paulo e Madrino.

Às minhas fiéis companheiras de licenciatura e mestrado, Andreia, Mónica, Cláudia e Anabela, pessoas especiais e essenciais, que fizeram deste percurso uma aventura inesquecível. A disponibilidade para ouvir e ajudar, a dedicação e amizade inigualável, o afeto e carinho transmitido... Momentos partilhados que carregarei comigo para sempre.

À Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e à Escola de Psicologia e Ciências da Vida, pelo acolhimento e formação de excelência que me permitiram chegar até aqui. A todos os professores e colegas com quem contactei durante estes cinco anos pois todos, de forma direta ou indireta, contribuíram para o meu crescimento académico e pessoal.

E não poderia deixar de agradecer a todos os participantes do estudo que voluntariamente se disponibilizam e contribuíram para a realização deste trabalho.

Resumo

Os processos individuais, familiares e sociais contribuem diferentemente para trajetórias (in)adaptativas, de acordo com a etapa desenvolvimental e com as tarefas que lhes estão subjacentes. Através de um desenho quantitativo transversal, este estudo pretendeu: estudar o papel moderador da etapa desenvolvimental e das trajetórias (in)adaptativas na relação entre o clima familiar e os processos de desenvolvimento da identidade, identificar as tipologias familiares e analisar a sua associação com a sintomatologia psicológica, os processos de desenvolvimento da identidade, a etapa e as trajetórias desenvolvimentais. Participaram 387 participantes (15-25 anos), sendo 162 adolescentes e 225 adultos emergentes. Os resultados mostraram que a etapa desenvolvimental modera a relação entre a coesão familiar e a exploração em amplitude, sugerindo que o contexto familiar influencia os filhos de forma distinta, de acordo com a etapa. Os resultados indicaram que a trajetória desenvolvimental modera a relação entre o conflito familiar e a exploração ruminativa. Foram identificadas as tipologias familiares Coesas, Conflituosas, Equilibradas, Desligadas e Emaranhadas. Os dados apontam para que a pertença a uma família Emaranhada constitua um desafio desenvolvimental acrescido, pelo que se hipotetizou que o processo de desenvolvimento da identidade numa família Emaranhada seja um reflexo da dinâmica familiar em termos da intensidade e da coexistência de processos, aparentemente, díspares. São discutidas as implicações para a prática e para a literatura nas áreas da Psicopatologia do Desenvolvimento e Psicologia da Família.

Palavras-chave: adolescência; adultos emergentes; clima familiar; desenvolvimento identitário; trajetórias desenvolvimentais.

Abstract

Individual, family and social processes contribute differently to (in)adaptive trajectories, according to the developmental stage and to the underlying tasks. Through a cross-sectional quantitative design, this study aimed: to analyze the role of developmental stage and (in)adaptive trajectories as moderators of the relationship between family environment and identity development processes, identify family typologies and analyze their association with psychological symptomatology, identity development processes, developmental stage and trajectory. The number of participants were 387 (15-25 years), being 162 adolescents and 225 emergent adults. The results showed that the developmental stage moderates the relationship between family cohesion and exploration in breadth, suggesting that the family context influences children in different ways, according to the stage. The results indicated that the developmental trajectory moderates the relation between family conflict and ruminative exploration. There were identified as family typologies Cohesive, Conflicted, Balanced, Disconnected and Enmeshed families. Our data point out that belonging to a Enmeshed family constitutes an additional developmental challenge, so it was hypothesized that the identity development process in a Enmeshed family is a reflection of family dynamics in terms of the intensity and coexistence of seemingly disparate processes. The implications for practice and literature in the areas of Developmental Psychopathology and Family Psychology are discussed.

Keywords: adolescence; emerging adults; family environment; identity development; developmental trajectories.

Abreviaturas e Siglas

BSI -	Inventário de Sintomatologia Psicológica (Brief Symptom Inventory)
DIDS -	Escala das Dimensões do Desenvolvimento Identitário (Dimensions of Identity Development Scale)
CEDIC -	Comissão de Ética e Deontologia em Investigação Clínica
ICF -	Inventário de Clima Familiar
ISP -	Índice de Sintomas Positivos
SPSS -	Statistical Package for Social Sciences

Símbolos

DP -	Desvio-Padrão
M -	Média
N -	Frequência absoluta
% -	Percentagem (frequência relativa)
r -	Coeficiente de Correlação de <i>Pearson</i>

Índice Geral

Resumo	4
Abstract	5
Abreviaturas e Siglas.....	6
Símbolos.....	6
Índice de Quadros	9
Índice de Figuras	10
Introdução	11
Processo de desenvolvimento da identidade: modelos explicativos e variáveis associadas.....	13
Contexto macrossistémico.....	15
Contexto microssistémico	15
Contexto cronossistémico	16
Trajetórias desenvolvimentais adaptativas e inadaptativas na adolescência e na adultez emergente.....	17
Clima familiar: dimensões e tipologias	18
Questão de investigação e objetivos	19
Método	20
Participantes.....	20
Procedimento de recolha de dados.....	20
Instrumentos.....	21
Questionário de dados sociodemográficos	21
Escala das Dimensões do Desenvolvimento Identitário	21
Inventário de Sintomatologia Psicológica.....	22
Inventário do Clima Familiar	22
Procedimento de análise de dados	23
Resultados	25
Estatística descritiva e correlações	25
Análise do papel moderador da etapa e da trajetória desenvolvimental na relação entre a coesão/o conflito e a exploração em amplitude	27
Análise do papel moderador da etapa e da trajetória desenvolvimental na relação entre a coesão/o conflito e a exploração ruminativa.....	28
Análise do papel moderador da etapa e da trajetória desenvolvimental na relação entre a coesão/o conflito e o compromisso.....	30

Análise do papel moderador da etapa e da trajetória desenvolvimental na relação entre a coesão/o conflito e a identificação com o compromisso	32
Análise do papel moderador da etapa e da trajetória desenvolvimental na relação entre a coesão/o conflito e a exploração em profundidade.....	32
Análise de clusters	32
Identificação e descrição das tipologias familiares identificadas.....	32
Associação entre as tipologias familiares e as etapas desenvolvimentais.....	34
Associação entre as tipologias familiares e as trajetórias desenvolvimentais.....	35
Discussão	36
Relação entre o clima familiar e os processos de desenvolvimento da identidade: papel moderador da etapa e da trajetória desenvolvimental	36
Tipologias familiares, sintomatologia psicológica e identidade	39
Tipologias familiares e etapas desenvolvimentais	41
Tipologias familiares e trajetórias desenvolvimentais	42
Implicações para a literatura e para a prática.....	43
Limitações e Estudos Futuros	44
Referências	45
 ANEXOS	 I
Anexo I: Descrição detalhada dos dados do Quadro 9 e Quadro 10 – Distribuição das tipologias familiares em função das etapas e trajetórias desenvolvimentais.....	II
Anexo II: Consentimento informado - Adultos emergentes.....	IV
Anexo III: Consentimento e assentimento informado - Adolescentes	VI

Índice de Quadros

Quadro 1. Estatística descritiva e análise das correlações entre o conflito e a coesão familiares, o compromisso, a exploração em amplitude, a exploração ruminativa, a identificação com o compromisso, a exploração em profundidade, e o índice de sintomas positivos.....	26
Quadro 2. Efeito moderador da etapa e da trajetória desenvolvimental na relação entre a coesão e a exploração em amplitude	27
Quadro 3. Efeito moderador da etapa e da trajetória desenvolvimental na relação entre a coesão e a exploração ruminativa.....	30
Quadro 4. Efeito moderador da etapa e da trajetória desenvolvimental na relação entre o conflito e a exploração ruminativa	30
Quadro 5. Efeito moderador da etapa e da trajetória desenvolvimental na relação entre a coesão e o compromisso	31
Quadro 6. Efeito moderador da etapa e da trajetória desenvolvimental na relação entre o conflito e o compromisso.	31
Quadro 7. Frequências, percentagens, médias e desvio-padrão dos grupos definidos pela análise de clusters com as variáveis conflito e coesão	33
Quadro 8. Estatística descritiva do ISP e das dimensões do processo de desenvolvimento identitário, para cada tipologia familiar identificada.....	33
Quadro 9. Distribuição das tipologias familiares em função da etapa desenvolvimental.....	35
Quadro 10. Distribuição das tipologias familiares em função da trajetória desenvolvimental.....	35

Índice de Figuras

Figura 1. Efeito moderador da etapa desenvolvimental na relação entre a coesão e a exploração em amplitude.....	28
Figura 2. Efeito moderador da trajetória desenvolvimental na relação entre o conflito e a exploração ruminativa.	30

Introdução

A adolescência e a adultez emergente constituem-se como duas etapas desenvolvimentais distintas (Arnett, 2000), atendendo aos limites cronológicos que as circunscrevem e às tarefas desenvolvimentais que englobam. Contudo, a contiguidade destas etapas permite perceber a transversalidade de algumas tarefas desenvolvimentais que lhes são comuns, nomeadamente, o processo de desenvolvimento da identidade (Luyckx & Robitschek, 2014) e o processo de autonomia (Arnett, 2000), com a separação crescente em relação à família de origem. O clima familiar, i.e., a perceção de várias características das relações intrafamiliares pelos seus membros (Teodoro, Allgayer, & Land, 2009), tem sido identificado como uma variável influente no desenvolvimento da identidade (e.g., Luyckx, Soenens, Vansteenkiste, Goossens, & Berzonsky, 2008; Matheis & Adamns, 2004; Sandhu, Singh, Tung, & Kundra, 2012; Scabini & Manzi, 2011; Syed & Seiffge-Krenke, 2013). A literatura tem demonstrado que níveis elevados de coesão e níveis baixos de conflito familiares (e.g., famílias descritas como menos apoiantes e mais conflituosas) encontram-se associados positivamente ao desenvolvimento de um estilo identitário normativo (e.g., com níveis elevados de compromisso e de identificação com o compromisso) e negativamente ao desenvolvimento de uma identidade difusa (e.g., Imtiaz & Naqvi, 2012; Matheis & Adamns, 2004). Diversos estudos têm também salientado a associação entre o clima familiar e a sintomatologia psicológica, apontando para que um clima familiar percecionado com elevados níveis de conflito e baixos níveis de coesão esteja positivamente associado à emergência de psicopatologia, nomeadamente, de sintomatologia depressiva (e.g., Branje, Hale, Frijns, & Meeus, 2010; Sheeber & Sorensen, 1998; Starr & Davila, 2008; Teodoro, Cardoso, & Freitas, 2010), e interferindo ainda negativamente no bem-estar psicológico dos filhos (Benetti, 2006; Sullivan & Miklowitz, 2010). Para além disso, as mudanças físicas, sociais, relacionais, cognitivas e psicológicas vivenciadas na adolescência, e a experiencição de níveis elevados de exploração e instabilidade (que implicam mudanças nos papéis sociais na adultez emergente) podem contribuir para o desenvolvimento de psicopatologia (Schulenberg, Sameroff, & Cicchetti, 2004; Luyckx, Klimstra, Duriez, Petegem, & Beyers, 2013). Contudo, apesar destas evidências, a relação entre o clima familiar e os processos de desenvolvimento da identidade em adolescentes e adultos emergentes com trajetórias desenvolvimentais adaptativas e inadaptativas carece ainda de evidência empírica consistente. Para além disso, importa também compreender de forma sistemática de que forma as tipologias de relações familiares se relacionam com a etapa de desenvolvimento (adolescência e adultez emergente).

Deste modo, não só os estudos que exploram a relação entre o clima familiar e o desenvolvimento identitário são escassos, como os que analisam esta relação (e.g., Cooper, Grotevant, & Condon, 1983; Mullis, Graf, & Mullis, 2009; Sartor & Youniss, 2002) não exploram o papel moderador da etapa e da trajetória desenvolvimental. Com efeito, os estudos existentes apontam para que um clima familiar percebido como mais coeso (i.e., vínculo de proximidade afetiva entre os familiares) esteja relacionado positivamente com o desenvolvimento de uma identidade realizada (i.e., elevados níveis de exploração e compromisso) (e.g., Cooper et al., 1983; Mullis et al., 2009; Sartor & Youniss, 2002), e um clima familiar percebido como mais conflituoso (i.e., relação agressiva, crítica e conflituosa) esteja relacionado com o desenvolvimento de uma identidade moratória caracterizada por níveis elevados de exploração e níveis baixos de compromisso (Luyckx, Goossens, Soenens, & Beyers, 2006; Luyckx et al., 2008b). Porém, parece-nos relevante considerar o potencial papel moderador da etapa e trajetória desenvolvimental, tendo em conta que a literatura aponta para que as relações familiares na adolescência difiram das que são estabelecidas na adultez emergente (Relvas, 2006), já que desempenham papéis diferentes (e.g., Inguglia, Ingoglia, Liga, Coco, & Cricchio, 2015). Além disso, de acordo com a perspetiva da Psicopatologia do Desenvolvimento (Kerig, Ludlow, & Wenar, 2012; Soares, 2000), sabe-se que as variáveis ou contextos associados a trajetórias de risco na adolescência podem ser diferentes das da adultez emergente. Torna-se, assim, importante diferenciar estas etapas desenvolvimentais e perceber como é que a relação entre o clima familiar e o desenvolvimento identitário é influenciada pelas etapas e trajetórias desenvolvimentais.

Nas sociedades ocidentais, a família tem sofrido diversas alterações, económicas, sociais e culturais (Francisco, Monteiro, Pinto, & Gaspar, 2016). Tais alterações decorreram do avanço tecnológico (Benvenuti, Mazzoni, & Piobbico, 2016) (e.g., utilização de telemóveis, televisão e computadores que podem afetar a comunicação familiar), da emancipação da mulher (i.e., e, conseqüente, redefinição dos papéis familiares e parentais), do aumento das taxas de separação, divórcio e recasamento, e da crise económica, entre outros fatores (Ferreira, Pedro, & Francisco, 2015; Pratta & Santos, 2007; Ribeiro, 2016). Estas mudanças, tal como o papel que a família desempenha no processo desenvolvimental dos indivíduos, podem estar associadas à emergência de perturbações psicológicas, pelo que se torna necessário compreender melhor o papel das relações familiares no desenvolvimento de psicopatologia na adolescência (Pratta & Santos, 2007) e na adultez emergente. Para além disso, as tarefas desenvolvimentais subjacentes à adultez emergente (e.g., entrada na

universidade, saída de casa da família de origem) podem contribuir para o aumento dos fatores de vulnerabilidade e *stress* dos adultos emergentes e das suas famílias. Poucos estudos têm analisado a influência do clima familiar no ajustamento na adultez emergente, apesar dos resultados de trabalhos anteriores apontarem para que um clima familiar conflituoso seja preditor de níveis mais elevados de sintomatologia psicológica (e.g., Reed, Ferraro, Greer-Lucier, & Barber, 2015). Deste modo, o presente estudo irá contribuir para a expansão do conhecimento nesta área.

Finalmente, um último problema de investigação a que pretendemos dar resposta nesta dissertação prende-se com o facto de a literatura ser escassa no que concerne à exploração das tarefas desenvolvimentais específicas da adolescência e da adultez emergente, nomeadamente, no que diz respeito à dinâmica relacional das famílias com adultos emergentes. A família desempenha funções específicas em cada etapa desenvolvimental (Alarcão, 2000; Nogueira, 1998), contudo a maioria dos estudos centra-se em famílias com filhos adolescentes e em famílias com filhos pequenos. Nesta linha, parece-nos relevante, a partir das dimensões coesão e conflito, identificar tipos de famílias e estudar a sua associação às etapas desenvolvimentais analisadas. O progressivo prolongamento da coabitação dos filhos em casa dos pais – que também caracteriza a geração canguru – na adultez emergente (Brandão, Saraiva, & Matos, 2012; Kublikowski & Rodrigues, 2016; Silveira & Wagner, 2006; Szapiro & Resende, 2009) contribui também para a pertinência e interesse científico desta questão.

Processo de desenvolvimento da identidade: modelos explicativos e variáveis associadas

A identidade pode ser definida como um conjunto de características biológicas, psicológicas e sociodemográficas, que abrange diversos aspetos resultantes da interação entre o desenvolvimento pessoal e influências sociais (Neuenschwander, 2002; Vignoles, Schwartz, & Luyckx, 2011). Erikson, sendo um dos pioneiros no estudo acerca da identidade, desenvolveu a Teoria do Desenvolvimento Psicossocial (Erikson, 1968), inferindo oito estádios do desenvolvimento psicossocial, relacionados com alterações físicas, cognitivas e sociais. Segundo o autor, os estádios distinguem-se através de uma tarefa central de desenvolvimento e de um conflito psicossocial, sendo o conflito dominante da adolescência a construção da identidade (Hall, Lindzey, & Campbell, 2000; Neuenschwander, 2002; Sampaio & Guerreiro, 2014). Marcia (1966) contribuiu para a validação da teoria de Erikson (1968) sobre a identidade, identificando dois processos *interindependentes* e centrais na formação da identidade: a) exploração - questionar frequentemente alternativas de identidade,

experienciando diversos papéis sociais, e b) compromisso - aderir a objetivos, convicções, valores e crenças. A partir do cruzamento destes dois processos, o modelo dos estados identitários (Marcia, 1980) propõe a existência de quatro estados de identidade: (1) identidade realizada, caracterizada por elevados níveis de exploração e compromisso, representada pelo estabelecimento de determinados objetivos e ideais, após uma fase de exploração de diversas alternativas; (2) identidade moratória, caracterizada por elevados níveis de exploração e baixos níveis de compromisso, representada pela procura constante de objetivos, valores e crenças, e dificuldade na tomada de decisão; (3) identidade fechada, caracterizada por baixos níveis de exploração e elevados níveis de compromisso, representada pelo estabelecimento de compromissos e objetivos claros e rígidos, sem uma fase de exploração prévia; e (4) identidade difusa, caracterizada por baixos níveis de compromisso e de exploração, que remete para a apatia, indiferença e falta de preocupação com as questões identitárias, com ausência de exploração de alternativas e compromissos (Kroger & Marcia, 2011; Neuenschwander, 2002).

Foram vários os modelos propostos durante a última década que estenderam e refinaram o trabalho de Marcia (1980) e que têm servido de base para diversos estudos focados na relação dos estados identitários com outras variáveis (Kroger & Marcia, 2011). O modelo integrativo, desenvolvido por Luyckx e colaboradores (2008a), distingue empiricamente cinco processos de identidade mais específicos relacionados com a exploração e o compromisso: exploração em amplitude, exploração em profundidade, exploração ruminativa, compromisso e identificação com o compromisso. Quatro destes processos foram reunidos em dois ciclos: o primeiro ciclo, designado por formação do compromisso, foca-se nos processos através dos quais os sujeitos exploram diferentes alternativas da identidade (exploração em amplitude) e, posteriormente, aderem a compromissos de identidade (compromisso, i.e., adesão a crenças, objetivos e valores); e o segundo ciclo – avaliação do compromisso – centra-se em processos através dos quais os sujeitos reavaliam os seus compromissos de identidade atuais (exploração em profundidade, i.e., avaliação e exploração dos seus compromissos) e avaliam até que ponto é que se identificam e se sentem seguros com os seus compromissos (identificação com o compromisso, i.e., grau em que os compromissos se integram no seu sentido de *self*). Posteriormente, o processo de exploração ruminativa foi adicionado ao modelo e é identificado como um bloqueador do desenvolvimento identitário por se considerar um processo desadaptativo. Deste modo, os indivíduos com níveis elevados de exploração ruminativa tendem a questionar-se

constantemente, a experimentar níveis elevados de incerteza e incompetência, ansiedade e depressão, ficando bloqueados/estagnados no processo de desenvolvimento da identidade (Luyckx et al., 2006, 2011; Luyckx et al., 2008a).

Tendo como base o Modelo Ecológico de Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner, 1986), consideramos a influência de diversos contextos sistémicos no desenvolvimento da identidade. Nomeadamente, a influência dos contextos macrosistémico (e.g., sistema social), microsistémico (e.g., contexto familiar) e cronossistémico (e.g., etapa desenvolvimental).

Contexto macrosistémico.

Ao nível macrosistémico, realça-se a influência dos processos sociais (e.g., fatores sociais, económicos, políticos e culturais) no desenvolvimento da identidade. De relevar, o atraso no processo de autonomização e o prolongamento na transição para a idade adulta resultantes do impacto da ausência ou escassez de medidas sociais de apoio à independência dos adultos emergentes portugueses (Andrade, 2016; Brandão et al., 2012). Em Portugal, constata-se a presença de percursos educativos mais longos (e.g., aumento do número de jovens a ingressar no ensino superior), a inserção cada vez mais tardia no mercado de trabalho (caraterizado por níveis elevados de exigência e competitividade), o prolongamento da coabitação com a família de origem e dependência financeira desta, e o adiamento de projetos familiares, traduzidos no aumento da idade média para casar e para o nascimento do primeiro filho, principalmente em adultos emergentes com formação académica superior. Estes fatores podem ter um impacto negativo no desenvolvimento identitário, nomeadamente, dificultando o processo de autonomização e independência através da manutenção do “ninho cheio” (Brandão et al., 2012; Mendonça, Andrade, & Fontaine, 2009; Scabini, 2000; Pais, 2009).

Contexto microsistémico.

Ao nível microsistémico, releva-se a influência da família enquanto sistema mais influente ao longo de todo o ciclo de vida (Nogueira, 1998). O contexto familiar é considerado um sistema essencial para o desenvolvimento humano (Alarcão & Gaspar, 2007), sendo que este representa o primeiro grupo social em que a pessoa se desenvolve (Alarcão, 2006; Sprinthall & Collins, 2003). A família pode ser definida como um conjunto de elementos, uma unidade social, que evolui ao longo de várias etapas do ciclo vital. Cada etapa implica um conjunto de tarefas e mudanças que podem afetar a família no seu todo e a cada um dos elementos (Alarcão, 2000; Dias, 2011), influenciando o desenvolvimento da

identidade na adolescência e na adultez emergente (Luyckx et al., 2008b; Matheis & Adamns, 2004; Sandhu et al., 2012; Scabini & Manzi, 2011).

A individuação e a socialização são duas funções centrais da família particularmente relevantes na etapa famílias com filhos adolescentes, permitindo que os filhos se preparem para assumir papéis adultos nos âmbitos social, relacional, afetivo e profissional (Alarcão, 2000). Este período tem sido estendido com o prolongamento da coabitação com os pais (Alarcão, 2000; Relvas, 2006; Silveira & Wagner, 2006). Segundo Vieira e Rava (2012), o prolongamento da coabitação na adultez pode apresentar um carácter disfuncional na medida em que promove a dependência em relação à família, dificultando o compromisso social e perpetuando a condição de “adolescentes” (Jablonski & Martino, 2013).

A literatura tem mostrado que as relações familiares estão associadas ao desenvolvimento da identidade (Fiese, 1992; Kiang & Fuligni, 2009; Matheis & Adamns, 2004). Por exemplo, estudos baseados no modelo de estados identitários (Marcia, 1980) mostraram que um clima familiar percecionado como desligado se encontra positivamente relacionado com o desenvolvimento de estados identitários moratório, difuso ou fechado, e um clima familiar percecionado como coeso se encontra positivamente relacionado com o desenvolvimento de uma identidade realizada na adolescência e adultez emergente (e.g., Nelson, Hughes, Handal, Katz, & Searight, 1993; Sandhu et al., 2012; Syed & Seiffge-Krenke, 2013). Além disso, tem sido evidenciado que a coesão e proximidade emocional familiar, associadas ao estímulo da individualidade e da autonomia, são fatores cruciais para o desenvolvimento da identidade (Monteiro & Confraria, 2014).

Contexto cronossistémico.

O cronossistema remete-nos para a dimensão temporal, sendo transversal a todos os outros contextos. O processo de desenvolvimento identitário da adolescência à adultez emergente tem sido perspectivado de diversas formas (Schwartz, Zamboanga, Luyckx, Meca, & Ritchie, 2013). Alguns autores têm apontando para que o início do desenvolvimento da identidade envolva inicialmente a experimentação de várias possibilidades de vida (e.g., exploração em amplitude) e implique, gradualmente, a tomada de decisões duradouras (e.g., compromisso, exploração em profundidade), tendo este processo início na adolescência e estabilizando na idade adulta (Arnett, 2000, 2005, 2007; Arnett & Brody, 2008; Erikson, 1968; Klimstra, Hale III, Raaijmakers, Branje & Meeus, 2010; Syed & Seiffge-Krenke, 2013).

A literatura tem mostrado que os adultos emergentes apresentam níveis mais elevados de compromisso, identificação com o compromisso (e.g., Arnett & Brody, 2008) e exploração em profundidade (e.g., Luyckx et al., 2013a) e níveis mais baixos de exploração ruminativa (e.g., Klimstra et al., 2010), em comparação com os adolescentes. Neste sentido, a adultez emergente é caracterizada pelo desenvolvimento de uma identidade mais estável (e.g., desenvolvimento de uma identidade realizada, em detrimento de uma identidade difusa ou moratória) (Crocetti, Scrignaro, Sica, & Magrin, 2012; Donnellan, Conger, & Burzette, 2007; Meeus, Iedema, Helsen, & Vollebergh, 1999; Meeus, Van De Schoot, Keijsers, Schwartz, & Branje, 2010).

Trajetórias desenvolvimentais adaptativas e inadaptativas na adolescência e na adultez emergente

Tendo em conta a perspectiva da Psicopatologia do Desenvolvimento (Cicchetti & Cohen, 2006; Kerig et al., 2012; Soares, 2000), os contextos individuais, familiares e sociais podem contribuir diferentemente para trajetórias (in)adaptativas, de acordo com a etapa desenvolvimental em que o indivíduo se encontra e com as tarefas que lhes estão subjacentes. As trajetórias inadaptativas e/ou de risco diferem das adaptativas pelo insucesso na realização das tarefas desenvolvimentais e pela emergência de psicopatologia (Cummings, Davies, & Campbell, 2000; Soares, 2000; Zarrett & Eccles, 2006).

Sendo o desenvolvimento da identidade uma tarefa comum às etapas adolescência e adultez emergente, os processos de desenvolvimento da identidade propostos por Lucky e colaboradores (2008a) têm sido associados à sintomatologia psicológica, ao funcionamento psicossocial e ao bem-estar (Schwartz et al., 2011, 2013). Trabalhos anteriores realizados com amostras de adolescentes e adultos emergentes mostraram que a identificação com o compromisso e o compromisso estão positivamente associados ao bem-estar psicológico (e.g., Baggio, Studer, Iglesias, Daeppen, & Gmel, 2016; Schwartz et al., 2015) e negativamente associados à sintomatologia depressiva (e.g., Luyckx et al., 2006, 2008a, 2013b) e ansiosa (e.g., Sica, Sestito, & Ragozini, 2014) e a perturbações da personalidade (e.g., Westen, Betan, & DeFife, 2011). Em relação aos processos de exploração, a literatura tem mostrado que a exploração em amplitude está positivamente associada à sintomatologia depressiva e a exploração em profundidade está negativamente associada ao consumo de substâncias (e.g., Luyckx et al., 2006). A exploração ruminativa tem sido identificada como um fator de risco para o desenvolvimento de uma identidade adaptativa (e.g., Beyers & Luyckx, 2016), sendo

considerada como um preditor negativo do bem-estar e positivo da psicopatologia (e.g., Crocetti, Rubini & Meeus, 2008; Luyckx et al., 2011, 2013b; Luyckx & Robitschek, 2014; Mastrotheodoros & Motti-Stefanidi, 2016; Ritchie et al., 2013; Schwartz et al., 2013; Sica et al., 2014).

Existe também um corpo consistente de evidências empíricas que associa o clima familiar a trajetórias (in)adaptativas (e.g., Kronenberg & Thompson, 1990; Mesquita, Ribeiro, Mendonça, & Maia, 2011; Miller, McCullough, & Johnson, 2012; Minuchin et al., 1975; Moos, 1990; Nielsen, 2006; Prioste, Cruz, & Narciso, 2010; Stocker, Richmond, Rhoades, & Kiang, 2007; Teodoro, Hees, Saraiva, & Cardoso, 2014). A percepção do clima familiar como conflituoso está positivamente associada ao desajustamento psicológico (e.g., Braconnier & Marcelli 2000; Cruz, Narciso, Pereira, & Sampaio, 2014; Cusimano & Riggs, 2016; Herrenkohl, Lee, Kosterman, & Hawkins, 2012; Morawska & Thompson, 2009; Santos, 2013), a sintomatologia depressiva (e.g., Reed et al., 2015; Riggs & Han, 2009; Thapar, Collishaw, Pine, & Thapar, 2012) e a perturbações da alimentação e ingestão (e.g., Crowther, Kichler, Sherwood, & Kuhnert, 2002; Latzer, Hochdorf, Bachar, & Canetti, 2002; Okon, Greene, & Smith, 2003). Por outro lado, a percepção do clima familiar como coeso está associada negativamente à emergência de sintomatologia depressiva (e.g., Inguglia et al., 2015; Prioste et al., 2010; Steinberg, 2001) e ao consumo de substâncias (e.g., Geada, 1994) e positivamente associada ao ajustamento psicológico (e.g., Halloran, Ross, & Carey, 2002; Lee, Hamman, & Lee, 2007; Peleg-Popko & Klingman, 2002).

Clima familiar: dimensões e tipologias

Alguns autores têm descrito o clima familiar enquanto construto multidimensional, nomeadamente, incluindo a hierarquia, o apoio, a coesão e o conflito (Teodoro et al., 2009). Outros autores têm proposto uma abordagem tipológica¹ do funcionamento ou do clima familiar. Por exemplo, o modelo circumplexo do funcionamento familiar (Olson, Russel, & Sprenkle, 1979, 1983) identifica diferentes tipos de sistemas familiares através de três dimensões que caracterizam o comportamento e a dinâmica familiar – coesão, adaptabilidade e comunicação. Os autores defendem que níveis moderados de coesão e de adaptabilidade são característicos de famílias com um funcionamento familiar ótimo (Olson et al., 1979, 1983). Considerando a dimensão coesão, os autores propuseram quatro níveis de coesão,

¹ As abordagens tipológicas permitem identificar a forma complexa como a multiplicidade de dimensões do clima familiar parentais se podem associar entre si.

considerando-as desconectadas, separadas, conectadas ou emaranhadas. Olson e colaboradores (1979, 1983) também conceptualizaram as famílias em quatro níveis de adaptabilidade: rígida, estruturada, flexível e caótica. Ao cruzarem as dimensões coesão e adaptabilidade, os autores identificaram 16 tipos de sistemas familiares, considerando que os quatro tipos centrais de famílias (separadas de forma flexível, ligadas de forma flexível, estruturalmente separadas ou estruturalmente ligadas) são os mais equilibrados (Olson, 2000; Olson et al., 1979, 1983). De acordo com o modelo circumplexo, as famílias que funcionam nos extremos tendem a manifestar mais dificuldades para passar para graus mais adequados de coesão e adaptabilidade (Olson, 2000; Rodick, Henggeler, & Hanson, 1986).

No presente trabalho, serão utilizadas quer a abordagem dimensional, a partir das dimensões coesão e conflito, quer a tipológica. Tal como nas abordagens tipológicas do comportamento parental (Kerr, Capaldi, Pears, & Owen, 2009; Pereira, Canavarro, Cardoso, & Mendonça, 2009), a abordagem tipológica do clima familiar baseia-se no pressuposto de que: (a) as dimensões do clima familiar estão relacionadas entre si; e (b) os efeitos de uma dimensão do clima familiar são dependentes dos níveis de outras dimensões do clima familiar. Estes pressupostos refletem as propriedades da totalidade e da circularidade da Teoria Geral dos Sistemas (von Bertalanffy, 1934, citado por Jones, 1999). Por um lado, a interdependência das dimensões do clima familiar é diferente da soma das dimensões individuais do clima (propriedade da totalidade). Por outro lado, se há fluidez e inter-influência mútua entre as dimensões do clima, o estudo de uma determinada dimensão, enviesa a influência de outras dimensões e da relação entre elas na percepção do clima familiar (propriedade da circularidade).

Questão de investigação e objetivos

A revisão de literatura conduziu-nos à formulação das seguintes questões: como é que a etapa de desenvolvimento e/ou as trajetórias (in)adaptativas afetam a relação entre o clima familiar e a identidade? Que tipologias de relações familiares podem ser identificadas na adolescência e na adultez emergente, e que diferenças existem na prevalência dessas tipologias em função da etapa e da trajetória desenvolvimentais? Para dar resposta a estas questões, iremos no presente estudo analisar, especificamente, (a) a relação entre o clima familiar, os processos de desenvolvimento da identidade e a sintomatologia psicológica, (b) o papel moderador da etapa de desenvolvimento e das trajetórias (in)adaptativas na relação entre o clima familiar e os processos de desenvolvimento da identidade, (c) as tipologias das

famílias dos adolescentes e dos adultos emergentes, a partir das dimensões coesão e conflito, e (d) a associação entre as tipologias familiares identificadas, a etapa e trajetórias desenvolvimentais, a sintomatologia psicológica e os processos de desenvolvimento da identidade. Pretende-se, deste modo, responder aos problemas de investigação identificados e contribuir para a expansão do conhecimento nas áreas da psicologia clínica, da família e do desenvolvimento.

Método

Participantes

A amostra foi constituída por 387 participantes, com idades compreendidas entre os 15 e os 25 anos ($M = 20.06$; $DP = 3.21$), dos quais 253 eram do género feminino (65.4%) e 126 do género masculino (32.6%). Quanto à etapa desenvolvimental, 162 dos participantes (41.9%) eram adolescentes (15-19 anos) e 225 adultos emergentes (58.1%), i.e., com idades compreendidas entre 20 e 25 anos. Ao nível da escolaridade, 4.1% tinha entre 6 a 9 anos de escolaridade, 29.2% tinha entre 10 a 12 anos de escolaridade, 51.7% frequentava o ensino superior e 14% tinha concluído o ensino superior. No que concerne à zona de residência, 2.6% residia na zona norte de Portugal, 3.4% residia no Alentejo, 2.1% residia no Algarve, 0.8% residia nos Açores, 6.5% residia na Madeira, 17.1% residia na zona centro e 57.4% residia na zona da grande Lisboa.

Procedimento de recolha de dados

A divulgação do estudo e a recolha de dados decorreram após a aprovação do projeto de investigação pela Comissão de Ética e Deontologia em Investigação Clínica (CEDIC) da Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. A amostra foi selecionada a partir de uma amostra mais alargada de 426 participantes, de um estudo mais alargado na linha de investigação da Psicopatologia e Identidade. Foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão no presente estudo: (a) capacidade de compreensão e expressão da língua portuguesa; e (b) ter idades compreendidas entre os 15 e os 25 anos. Uma amostra de 387 participantes cumpriu estes critérios, tendo sido integrada neste estudo. Foram excluídos os participantes que não tinham nacionalidade portuguesa.

Os dados foram recolhidos entre fevereiro de 2016 e março de 2017, através de uma técnica de amostragem não probabilística. A amostra foi recolhida através da técnica “bola-

de-neve”, recorrendo a duas estratégias distintas: (a) 76.7% da amostra respondeu ao protocolo de investigação na presença da(s) investigadora(s), em grupo em contexto de sala de aula ou individualmente; (b) 23.3% da amostra preencheu o questionário *online*, através da plataforma *GoogleDocs*, divulgado nas redes sociais. Os participantes colaboraram voluntariamente e sem qualquer remuneração, após a explicitação dos objetivos do estudo e a assinatura do consentimento informado. No caso dos participantes com idades inferiores a 18 anos, os seus responsáveis legais assinaram um termo de consentimento informado, e os participantes assinaram o termo de assentimento informado.

Instrumentos

Questionário de dados sociodemográficos. Este questionário centra-se em informações acerca dos dados pessoais dos participantes, tais como, género, idade, nível de escolaridade e zona de residência.

Escala das Dimensões do Desenvolvimento Identitário (Dimensions of Identity Development Scale, DIDS; versão original: K. Luyckx et al., 2008a; tradução e adaptação para a população portuguesa: Prioste, Lugar, Paulino, & Jongenelen, 2016). Este instrumento de autorrelato avalia cinco processos de desenvolvimento da identidade: exploração em profundidade, que avalia a exploração de alternativas após a adesão a compromissos (e.g., “Falo com outras sobre os meus planos para o futuro”); exploração em amplitude, que mede a exploração de alternativas previamente à adesão a compromissos (e.g., “Estou a pensar em diferentes estilos de vida que podem ser bons para mim”); compromisso, que avalia a adesão a compromissos (e.g., “Tenho uma imagem sobre o que vou fazer no futuro”); identificação com o compromisso, que se centra no grau de segurança e de identificação em relação aos compromissos (e.g., “Os meus planos para o futuro dão-me autoconfiança”); e exploração ruminativa, que avalia a exploração progressiva de diversas alternativas e a não adesão a compromissos (e.g., “Tenho dúvidas sobre o que quero realmente alcançar na vida”). O instrumento é composto por 25 itens respondidos numa escala de *Likert* de cinco pontos (1 = *discordo fortemente* a 5 = *concordo fortemente*), sendo que cada processo de desenvolvimento da identidade é avaliado por cinco itens.

No estudo de validação da DIDS de Luyckx e colaboradores (2008a), as dimensões da escala revelaram níveis de consistência interna adequados, quer para a amostra de adultos emergentes (com α a variar entre .79 para a dimensão exploração em profundidade e .86 para as dimensões compromisso, identificação com o compromisso e exploração ruminativa), quer

para a amostra de adolescentes (com α a variar entre .80 para a dimensão exploração em profundidade e .86 para a dimensão exploração em amplitude). No estudo de adaptação para a população portuguesa, com uma amostra de 403 participantes com idades compreendidas entre os 15 e os 29 anos, os níveis de consistência interna relevaram-se adequados, variando entre .68 para a dimensão exploração em profundidade e .87 para a dimensão identificação com o compromisso (Prioste, Lugar, Paulino, & Jongenelen, in press). No presente estudo, as dimensões da DIDS também revelaram níveis adequados de consistência interna, variando entre $\alpha = .68$ para a dimensão exploração em profundidade e $\alpha = .87$ para a dimensão identificação com o compromisso.

Inventário de Sintomatologia Psicológica (Brief Symptom Inventory, BSI; Versão original: L. Derogatis, 1982; tradução e adaptação para a população portuguesa: M. C. Canavarro, 1999). Neste instrumento de autorrelato com 53 itens é pedido ao participante que qualifique a intensidade em que foi afetado por um conjunto de sintomas, durante a última semana, através duma escala de *Likert* de cinco pontos (0 = *nunca* a 4 = *multíssimas vezes*). Esta escala avalia nove dimensões (somatização, obsessão-compulsão, sensibilidade interpessoal, depressão, ansiedade, hostilidade, ansiedade fóbica, ideação paranoide e psicoticismo) e três índices globais (índice geral de sintomas, índice de sintomas positivos e total de sintomas positivos) que medem a perturbação emocional.

No presente estudo, foi utilizado o índice de sintomas positivos (ISP) para distinguir os grupos com trajetórias desenvolvimentais adaptativas e inadaptativas. De acordo com Canavarro (2007), o ISP é o índice que melhor permite discriminar a perturbação emocional. Neste sentido, Canavarro (2007) definiu, a partir do cálculo das médias e dos desvios-padrão das nove dimensões e dos três índices globais, como ponto de corte o valor de 1.7. Considerando este valor, no presente estudo, foi definido que os participantes com um valor de ISP igual ou superior a 1.7 pertenciam ao grupo com uma trajetória desenvolvimental inadaptativa, e que os participantes com um valor de ISP inferior a 1.7 pertenciam ao grupo com uma trajetória desenvolvimental adaptativa.

No estudo de validação de Canavarro (1999), com uma amostra composta por 551 participantes, o BSI apresentou níveis de consistência interna adequados, entre $\alpha = .62$ na dimensão psicoticismo e $\alpha = .80$ na dimensão somatização (Canavarro, 2007). No presente estudo, a escala total revelou também um nível de consistência interna adequado ($\alpha = .97$).

Inventário do Clima Familiar (ICF; versão original: Teodoro et al., 2009; versão portuguesa para investigação: Francisco, 2015). Este instrumento de autorrelato é composto

por 22 itens e avalia quatro dimensões do clima familiar numa escala de *Likert* de cinco pontos (1 = *discordo completamente* a 5 = *concordo completamente*): conflito, que inclui seis itens relacionados com a relação agressiva, crítica e conflituosa entre os membros da família (e.g., “Discute-se por qualquer coisa.”); hierarquia, que engloba seis itens que analisam a diferenciação de poder dentro da família, onde os mais velhos possuem mais influência nas decisões (e.g., “Uns mandam e outros obedecem”); apoio, composta por cinco itens que medem o suporte material e emocional recebido pelos familiares (e.g., “Procuramos ajudar as pessoas da nossa família quando percebemos que estão com problemas”); e coesão, que integra cinco itens quem definem o vínculo entre os familiares (e.g., “As pessoas gostam de passear e de fazer coisas juntas”). À semelhança de outros estudos focados no clima familiar (e.g., Prioste, Narciso, Gonçalves, Pereira, 2015), no presente trabalho foram apenas utilizadas as dimensões coesão e conflito.

No estudo de validação deste inventário (Teodoro et al., 2009), com uma amostra composta por 276 indivíduos, o ICF apresentou níveis de consistência interna adequados, variando entre $\alpha = .71$ na dimensão apoio e $\alpha = .84$ na dimensão conflito. No presente estudo, as dimensões coesão e conflito também apresentaram valores de consistência interna adequados ($\alpha = .79$ e $\alpha = .88$, respetivamente).

Procedimento de análise de dados

A análise de dados foi realizada com recurso ao software *Statistical Package for the Social Sciences* versão 22 (SPSS). Primeiramente, para explorar o primeiro objetivo proposto, com a amostra total, procedeu-se à análise da estatística descritiva das variáveis quantitativas contínuas (conflito familiar, coesão familiar, compromisso, exploração em amplitude, exploração ruminativa, identificação com compromisso, exploração em profundidade e ISP), e análise das correlações, através das correlações de *Pearson* (Marôco, 2007).

De seguida, foram criadas as variáveis etapa desenvolvimental e trajetória desenvolvimental para dar resposta ao segundo e quarto objetivo. No que concerne à variável etapa desenvolvimental, os participantes foram agrupados de acordo com a idade: os participantes com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos foram integrados no grupo adolescentes, já que de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 1997)², a adolescência termina aos 19 anos; e os participantes com idades compreendidas entre os 20 e

² A OMS definiu como critério etário para delimitar a adolescência o período entre os 10 e 19 anos, contudo neste estudo só foi considerado a idade de término da adolescência.

os 25 anos foram integrados no grupo adultos emergentes, sendo esta a idade de término da adultez emergente proposta por Arnett (2000)³. Em relação à variável trajetória desenvolvimental, os participantes foram agrupados de acordo com o valor de ISP, tal como foi referido; atendendo ao ponto de corte 1.7, proposto por Canavarro (2007), os participantes com valores de $ISP < 1.7$, i.e., sem perturbação emocional, foram integrados no grupo adaptativo; e os participantes com valores de $ISP \geq 1.7$, i.e., com perturbação emocional, foram integrados no grupo inadaptativo.

Para analisar o papel moderador da etapa desenvolvimental e da trajetória desenvolvimental na relação entre as dimensões do clima familiar e os processos de desenvolvimento da identidade (correspondente ao segundo objetivo), utilizou-se o modelo 3 da macro PROCESS desenvolvida por Hayes (2012) para SPSS. Seguidamente, foi realizada uma análise de clusters para identificar as tipologias das famílias dos adolescentes e dos adultos emergentes, a partir das dimensões coesão e conflito (terceiro objetivo). Considerando as tipologias familiares como uma variável, foram identificados cinco grupos, através do método não hierárquico *k-means* (Hartigan & Wong, 1979). Para identificar as variações nas tipologias, foi conduzido um conjunto de análises de variância multivariada (MANOVAs) usando os cinco grupos que foram definidos pela análise de clusters como fatores inter-sujeitos e as medidas de coesão e conflito como variáveis dependentes. De seguida, realizaram-se análises univariadas (ANOVAs com testes de Duncan) para facilitar a interpretação do significado de cada cluster identificado. Com base na literatura revista (e.g., Beavers, 2003; Kronenberg & Thompson 1990; Minuchin et al., 1975; Nichols & Schwartz, 2004; Olson, 2000; Soares, 2000), foram definidos os seguintes critérios para a identificação de cada tipologia familiar: (a) as famílias coesas apresentam tendencialmente valores elevados de coesão e baixos de conflito; (b) as famílias conflituosas apresentam tendencialmente valores elevados de conflito e baixos de coesão; (c) as famílias equilibradas apresentam tendencialmente valores médios de conflito e coesão, em relação aos restantes grupos; (d) as famílias desligadas apresentam tendencialmente baixos valores de coesão e conflito; e (e) as famílias emaranhadas apresentam tendencialmente elevados valores de coesão e conflito. Para melhor compreender as características de cada grupo e as suas diferenças no que se refere às dimensões do processo de desenvolvimento identitário e ao ISP, realizaram-se um conjunto de

³ De relevar que neste estudo só foi considerado a idade de término da adultez emergente proposta por Arnett (2000), já que o autor considera que este período desenvolvimental ocorra entre os 18 e os 25 anos.

análises de variância multivariada (MANOVAs), seguida de análises univariadas (ANOVAs com testes de Duncan) para perceber o efeito das diferenças.

Por último, para analisar se a distribuição das tipologias familiares varia em função das etapas (adolescentes e adultos emergentes) e trajetórias desenvolvimentais (trajetória adaptativa e inadaptativa), recorreu-se ao teste de Qui-quadrado, após codificar a variável “tipologias familiares”, de acordo com os grupos resultantes da análise de clusters (quarto objetivo).

Resultados

Estatística descritiva e correlações

Através da análise do Quadro 1, verificou-se que o compromisso se associa positiva e significativamente com a exploração em amplitude, identificação com o compromisso, exploração em profundidade e coesão, e negativa e significativamente com a exploração ruminativa, e o ISP. Observou-se que a exploração em amplitude apresenta correlações significativas e positivas com a exploração ruminativa, identificação com o compromisso, exploração em profundidade e coesão. Os resultados mostraram que a exploração ruminativa se correlaciona positiva e significativamente com a exploração em profundidade, conflito e o ISP, e negativa e significativamente com a identificação do compromisso. Tal como se pode verificar, a identificação com o compromisso encontra-se significativa e positivamente associada com a exploração em profundidade e coesão, e significativa e negativamente associada com conflito e o ISP; a exploração em profundidade apresentou uma correlação significativa e positiva com a coesão; e o conflito associou-se positiva e significativamente com o ISP, e negativa e significativamente com a coesão. Por último, a coesão apresentou uma correlação negativa e significativa com o ISP.

Quadro 1. Estatística descritiva e análise das correlações entre o conflito e a coesão familiares, o compromisso, a exploração em amplitude, a exploração ruminativa, a identificação com o compromisso, a exploração em profundidade, e o índice de sintomas positivos (N = 387).

Variável	1	2	3	4	5	6	7	8
1. Compromisso	-							
2. EAmplitude	.23**	-						
3. ERuminativa	-.29**	.29**	-					
4. ICompromisso	.69**	.28**	-.19**	-				
5. EProfundidade	.35**	.38**	.17**	.46**	-			
6. Conflito	-.10	-.00	.24**	-.12*	.05	-		
7. Coesão	.20**	.13**	-.01	.23**	.25**	-.35**	-	
8. ISP	-.19**	-.03	.24**	-.19**	.03	.47**	-.19**	
M	3.78	3.90	3.23	3.69	3.52	2.13	3.95	1.59
DP	.74	.62	.79	.75	.66	.89	.84	.50

Nota: Eamplitude = Exploração em amplitude; ERuminativa = Exploração ruminativa; ICompromisso = Identificação com o compromisso; EProfundidade = Exploração em profundidade; ISP = Índice de Sintomas Positivos; * $p < .05$; ** $p < .01$

Análise do papel moderador da etapa e da trajetória desenvolvimental na relação entre a coesão/o conflito e a exploração em amplitude

No Quadro 2, apresentam-se os resultados da análise de moderação da etapa e da trajetória desenvolvimentais na relação entre a coesão e a exploração em amplitude.

Quadro 2. *Efeito moderador da etapa e da trajetória desenvolvimental na relação entre a coesão e a exploração em amplitude.*

Preditores	Exploração em amplitude					
	<i>b</i>	<i>SE</i>	<i>T</i>	<i>p</i>	<i>Boostrapping bias-corrected</i>	
					Limite inferior	Limite superior
Constante	4.19	.70	5.97	.000	2.79	5.53
Etapa desenvolvimental (ED)	-.76	.31	-2.46	.014	-1.37	-.15
Coesão	-.06	.17	-.37	.714	-.41	.28
CoesãoxED	.18	.08	2.37	.018	.03	.34
Trajetória desenvolvimental (TD)	.41	.32	1.29	.200	-.22	1.04
CoesãoxTD	-.10	.08	-1.18	.24	-.25	.06

Os resultados indicaram que o modelo é estatisticamente significativo ($F(5,381) = 3.06$, $p < .05$, $R^2 = .04$). Através da análise do Quadro 2 verifica-se que existe uma interação significativa entre a coesão e a etapa desenvolvimental ($b = .18$, $p < .05$). Reforça-se também o efeito direto que a etapa desenvolvimental tem na exploração em amplitude ($b = -.76$, $p < .05$).

A existência do efeito moderador da etapa desenvolvimental sugere que o efeito da coesão na exploração em amplitude é significativamente diferente consoante a etapa desenvolvimental em que os participantes se encontram. Assim, verificamos que, se no grupo de adolescentes, o nível de exploração em amplitude tende a diminuir com o aumento do nível de coesão, no grupo de adultos emergentes verificamos o efeito contrário (Figura 1).

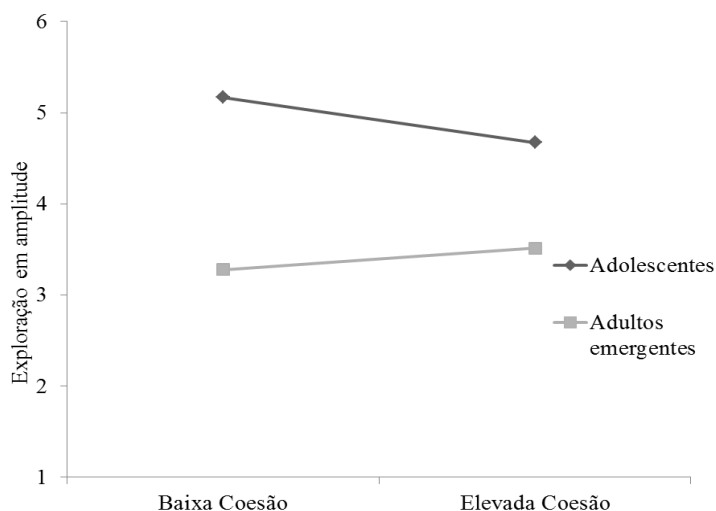


Figura 1. Efeito moderador da etapa desenvolvimental na relação entre a coesão e a exploração em amplitude.

Em relação à análise do papel moderador da etapa e da trajetória desenvolvimental na relação entre o conflito e a exploração em amplitude, o modelo não se revelou estatisticamente significativo, $F(5,381) = 1.44$, $p = n.s.$, $R^2 = .02$.

Análise do papel moderador da etapa e da trajetória desenvolvimental na relação entre a coesão/o conflito e a exploração ruminativa

No Quadro 3, apresentam-se os resultados da análise de moderação para as variáveis etapa e trajetória desenvolvimentais na relação entre a coesão e a exploração ruminativa. Os resultados indicaram que o modelo é estatisticamente significativo, explicando 8% da variância, $F(5,381) = 6.81$, $p < .001$. Tal como se pode observar através do Quadro 3, existe um efeito direto da trajetória desenvolvimental ($b = 1.02$, $p < .05$) e da coesão ($b = .56$, $p < .05$) na exploração ruminativa.

Quadro 3. *Efeito moderador da etapa e da trajetória desenvolvimental na relação entre a coesão e a exploração ruminativa.*

Preditores	Exploração ruminativa					
	<i>b</i>	<i>SE</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>Bootstrapping bias-corrected</i>	
					Limite inferior	Limite superior
Constante	1.05	.86	1.22	.225	-.65	2.75
Etapa desenvolvimental (ED)	.42	.38	1.10	.272	-.33	1.18
Coesão	.56	.22	2.59	.010	.13	.98
CoesãoxED	-.18	.10	-1.84	.066	-.37	.01
Trajetória desenvolvimental (TD)	1.02	.40	2.57	.011	.24	1.80
CoesãoxTD	-.18	.10	-1.81	.071	-.38	.02

No Quadro 4, apresentam-se os resultados da análise de moderação para as variáveis etapa e trajetória desenvolvimentais na relação entre o conflito e a exploração ruminativa.

Quadro 4. *Efeito moderador da etapa e da trajetória desenvolvimental na relação entre o conflito e a exploração ruminativa.*

Preditores	Exploração ruminativa					
	<i>b</i>	<i>SE</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>Bootstrapping bias-corrected</i>	
					Limite inferior	Limite superior
Constante	4.39	.46	9.55	.000	3.49	5.59
Etapa desenvolvimental (ED)	-.57	.20	-2.89	.004	-.99	-.19
Conflito	-.48	.20	-2.33	.020	-.88	-.08
ConflitoxED	.15	.09	1.69	.093	-.03	.32
Trajetória desenvolvimental (TD)	-.41	.22	-1.89	.059	-.84	.02
ConflitoxD	.28	.09	3.13	.002	.10	.46

Os resultados indicaram que o modelo é estatisticamente significativo, explicando 13% da variância, $F(5,381) = 11.35$, $p < .001$. Através da análise do Quadro 3, observa-se que a trajetória desenvolvimental tem um papel moderador na relação entre o conflito e a exploração ruminativa ($b = .28$, $p < .05$). Reforça-se o efeito direto que a etapa

desenvolvimental ($b = -.59, p < .05$) e o conflito ($b = -.48, p < .05$) têm na exploração ruminativa.

A existência do efeito moderador da trajetória desenvolvimental sugere que o efeito do conflito na exploração ruminativa é significativamente diferente consoante a trajetória desenvolvimental dos participantes (Figura 2). Assim, verificamos que, no grupo com uma trajetória inadaptativa, o nível de exploração ruminativa parece não variar com o aumento do nível de conflitos na família. Por outro lado, no grupo com uma trajetória adaptativa, o nível de exploração ruminativa tende a decrescer com o aumento do nível de conflito familiar.

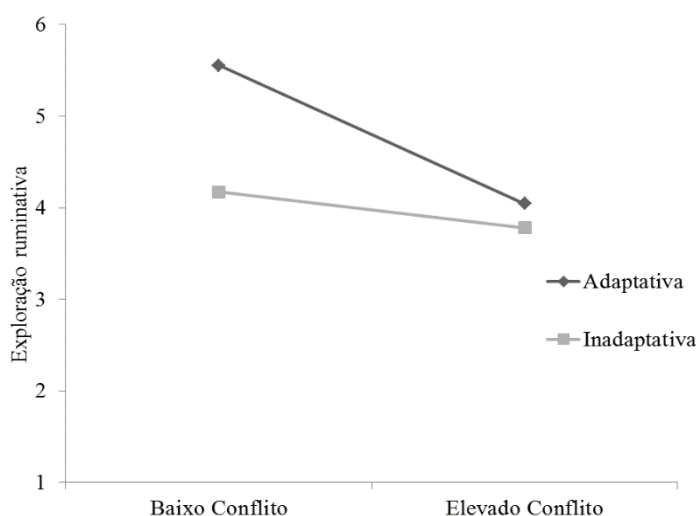


Figura 2. Efeito moderador da trajetória desenvolvimental na relação entre o conflito e a exploração ruminativa.

Análise do papel moderador da etapa e da trajetória desenvolvimental na relação entre a coesão/o conflito e o compromisso

No Quadro 5 apresentam-se os resultados da análise de moderação para as variáveis etapa e trajetória desenvolvimentais na relação entre a coesão e o compromisso. Os resultados indicaram que o modelo é estatisticamente significativo, explicando 9% da variância, $F(5,381) = 7.49, p < .001$. Reforça-se o efeito direto que a trajetória desenvolvimental tem no compromisso, $b = -.87, p < .05$.

Quadro 5. *Efeito moderador da etapa e da trajetória desenvolvimental na relação entre a coesão e o compromisso.*

Compromisso						
Preditores	<i>b</i>	<i>SE</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>Boostrapping bias-corrected</i>	
					Limite inferior	Limite superior
Constante	4.14	.80	5.16	.000	2.58	4.33
Etapa desenvolvimental (ED)	.15	.36	.42	.678	.09	.87
Coesão	-.07	.20	-.43	.670	-.22	.56
CoesãoxED	.01	.09	.11	.911	-.27	.04
Trajectoria desenvolvimental (TD)	-.87	.37	-2.36	.018	-.69	.14
CoesãoxTD	.16	.09	1.73	.085	-.17	.17

No Quadro 6, apresentam-se os resultados da análise de moderação para as variáveis etapa e trajetória desenvolvimentais na relação entre o conflito e o compromisso. Os resultados indicaram que o modelo testado é estatisticamente significativo, explicando 6% da variância, $F(5,381) = 5.22$, $p < .001$. De relevar, o efeito direto que a etapa desenvolvimental tem no compromisso ($b = .48$, $p < .05$).

Quadro 6. *Efeito moderador da etapa e da trajetória desenvolvimental na relação entre o conflito e o compromisso.*

Compromisso						
Preditores	<i>b</i>	<i>SE</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>Boostrapping bias-corrected</i>	
					Limite inferior	Limite superior
Constante	3.46	.45	7.78	.000	2.58	4.33
Etapa desenvolvimental (ED)	.48	.20	2.44	.015	.09	.87
Conflito	.17	.20	.86	.393	-.22	.56
ConflitoxED	-.13	.09	-1.51	.133	-.30	.04
Trajectoria desenvolvimental (TD)	-.27	.21	-1.30	.196	-.69	.14
ConflitoxTD	.00	.09	.02	.99	-.17	.17

Análise do papel moderador da etapa e da trajetória desenvolvimental na relação entre a coesão/o conflito e a identificação com o compromisso

Os resultados das análises de moderação para as variáveis etapa e trajetória desenvolvimental na relação entre a coesão/o conflito e a identificação com o compromisso mostraram que, apesar de os modelos serem estatisticamente significativos ($F(5,381) = 7.22$, $p < .001$, $R^2 = .09$ e $F(5,381) = 3.70$, $p < .05$, $R^2 = .05$, respetivamente), não existem preditores significativos.

Análise do papel moderador da etapa e da trajetória desenvolvimental na relação entre a coesão/o conflito e a exploração em profundidade

Os resultados da análise de moderação para as variáveis etapa e trajetória desenvolvimental na relação entre a coesão e a exploração em profundidade, mostraram que, apesar de o modelo ser estatisticamente significativo ($F(5,381) = 5.57$, $p < .001$, $R^2 = .07$), não existem preditores significativos.

O modelo que testou o papel moderador da etapa e trajetória desenvolvimental na relação entre a exploração em profundidade e o conflito não foi significativo, $F(5,381) = 1.06$, $p = n.s.$, $R^2 = .01$.

Análise de clusters

Identificação e descrição das tipologias familiares identificadas.

O Quadro 7 apresenta os perfis dos clusters identificados em relação às perceções do clima familiar. A análise de variância multivariada revelou um efeito significativo dos clusters nas variáveis coesão e conflito ($F(2,381) = 248.35$, $p < .001$, $\eta_p^2 = .72$). As análises subsequentes sobre os efeitos univariados (e.g., ANOVAs) revelaram que as diferenças entre os grupos são significativas ($F_{\text{coesão}}(4) = 49.01$, $p < .001$, $\eta_p^2 = .72$; $F_{\text{conflito}}(4) = 58.38$, $p < .001$, $\eta_p^2 = .77$).

Os perfis dos clusters que foram identificados em relação à perceção do clima familiar podem ser designados por: Grupo 1, famílias coesas – este grupo inclui 42.1% dos participantes, que percecionam as famílias com níveis mais elevados de coesão e mais baixos de conflito em relação aos restantes grupos; Grupo 2, famílias conflituosas, que inclui 5.7% dos participantes, que percecionam as famílias com níveis mais elevados de conflito e mais baixos de coesão em comparação com os restantes grupos; Grupo 3, famílias equilibradas, que é composto por 26.9% dos participantes, que percecionam as famílias com níveis médios de

conflito e de coesão em comparação com os restantes grupos; Grupo 4, famílias desligadas, que integra 11.6% dos participantes, que percecionam as famílias com níveis baixos de conflito e de coesão; e Grupo 5, famílias emaranhadas, composto por 13.7% dos participantes, que percecionam as famílias com níveis elevados de conflito e de coesão.

Quadro 7. *Frequências, percentagens, médias e desvio-padrão dos grupos definidos pela análise de clusters com as variáveis conflito e coesão (N = 387).*

Grupos definidos através da análise de clusters					
	1	2	3	4	5
N	163	22	104	45	53
%	42.1%	5.7%	26.9%	11.6%	13.7%
Designação da tipologia das famílias	Coesas	Conflituosas	Equilibradas	Desligadas	Emaranhadas
Medidas	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>
Conflito	1.41 _e (.37)	3.88 _a (.51)	2.43 _c (.38)	1.88 _d (.48)	3.28 _b (.61)
Coesão	4.53 _a (.41)	2.45 _d (.74)	3.63 _b (.37)	2.74 _c (.54)	4.47 _a (.41)

O Quadro 8 apresenta as pontuações médias e os desvios-padrão, do ISP e dos processos de desenvolvimento identitário para cada tipologia familiar identificada. As diferenças significativas entre os grupos foram analisadas através do teste Duncan, tal como foi referido.

Quadro 8. *Estatística descritiva (média e desvio-padrão) do ISP e das dimensões do processo de desenvolvimento identitário, para cada tipologia familiar identificada (N = 387).*

	ISP	Exploração em profundidade	Exploração em amplitude	Exploração ruminativa	Compromisso	Identificação com o compromisso
Tipologia familiar	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>
Coesas	1.37 _d (.34)	3.51 _b (.61)	3.95 _a (.57)	3.04 _b (.71)	3.94 _a (.64)	3.86 _a (.70)
Conflituosas	2.14 _a (.76)	3.15 _c (.58)	3.88 _{a,b} (.74)	3.25 _{a,b} (.93)	3.77 _{a,b} (.80)	3.61 _{a,b} (.82)
Equilibradas	1.66 _c (.42)	3.46 _b (.66)	3.86 _{a,b} (.68)	3.46 _a (.74)	3.50 _b (.81)	3.43 _b (.73)
Desligadas	1.54 _{c,d} (.45)	3.32 _{b,c} (.74)	3.66 _b (.61)	2.99 _b (.68)	3.63 _b (.72)	3.44 _b (.75)
Emaranhadas	1.89 _b (.63)	3.96 _a (.51)	4.01 _a (.59)	3.54 _a (.95)	3.98 _a (.70)	3.88 _a (.72)

Em relação ao ISP, a análise de diferenças entre as tipologias mostrou que: os participantes das famílias Conflituosas apresentam o valor mais elevado de perturbação

emocional e que os participantes de famílias Coesas e Desligadas apresentam o nível de perturbação emocional mais baixo, em comparação com as outras tipologias. Os participantes das famílias Emaranhadas apresentam um nível de perturbação emocional mais elevado que os participantes das famílias Equilibradas, Desligadas e Coesas. Os participantes das famílias Equilibradas apresentam um nível de perturbação emocional mais elevado que os participantes das famílias Coesas. Não há diferenças no nível de perturbação emocional entre os participantes de famílias Equilibradas e Desligadas e entre famílias Desligadas e as Coesas.

No que concerne à exploração em profundidade, verificou-se que os participantes de famílias Emaranhadas apresentam os níveis mais elevados e que os participantes de famílias Desligadas e Conflituosas apresentam os níveis mais baixos, em comparação com as outras tipologias. As famílias Coesas, Equilibradas e Desligadas apresentam valores de exploração em profundidade mais baixos que as Emaranhadas.

Relativamente à exploração em amplitude observou-se que os participantes de famílias Emaranhadas e Coesas apresentam os níveis mais elevados e que os participantes de famílias Desligadas apresentam os níveis mais baixos, em comparação com as outras tipologias. Não há diferenças no nível de exploração em amplitude entre os participantes de famílias Conflituosas e Equilibradas e as restantes tipologias familiares.

Na exploração ruminativa foram identificados valores mais elevados em participantes de famílias Emaranhadas e Equilibradas e valores mais baixos em participantes de famílias Coesas e Desligadas, em comparação com as outras tipologias. Não há diferenças no nível de exploração ruminativa entre os participantes de famílias Conflituosas e as restantes tipologias familiares.

Por último, em relação aos processos compromisso e identificação com o compromisso, verificou-se que os participantes de famílias Emaranhadas e Coesas apresentam os níveis mais elevados e que os participantes de famílias Desligadas e Equilibradas apresentam os níveis mais baixos de ambos os processos, em comparação com as outras tipologias. Não há diferenças no nível de compromisso e identificação com o compromisso entre os participantes de famílias Conflituosas e as restantes tipologias familiares.

Associação entre as tipologias familiares e as etapas desenvolvimentais.

Foi encontrada uma associação significativa entre a tipologia familiar e etapa desenvolvimental ($\chi^2(4) = 12.87, p < .05$). O Quadro 9 apresenta a distribuição das tipologias familiares em função da etapa desenvolvimental (descrição detalhada em Anexo 1).

Quadro 9. *Distribuição das tipologias familiares em função da etapa desenvolvimental.*

	Coesas (N = 163)	Conflituosas (N = 22)	Equilibradas (N = 104)	Desligadas (N = 45)	Emaranhadas (N = 53)
Etapa desenvolvimental	N (%)	N (%)	N (%)	N (%)	N (%)
Adolescentes	59 (36.2%)	12 (54.5%)	52 (50%)	24 (53.3%)	15 (28.3%)
Adultos_emergentes	104 (63.8%)	10 (45.5%)	52 (50%)	21 (46.7%)	38 (71.7%)

Em suma, com base nos *odds ratio* (Field, 2009) a probabilidade de pertencer a uma família: Coesa é 1.51 vezes superior se for adulto emergente; Conflituosa é 1.6 vezes superior se for adolescente; Equilibrada é 1.57 vezes superior se for adolescente; Desligada é 1.7 vezes superior se for adolescente; e Emaranhada é 2 vezes superior se for adulto emergente.

Associação entre as tipologias familiares e as trajetórias desenvolvimentais.

Foi encontrada uma associação significativa entre a tipologia familiar e trajetória desenvolvimental ($\chi^2(4) = 41.456$, $p < .001$). O Quadro 10 apresenta a distribuição das tipologias familiares em função da trajetória desenvolvimental (descrição detalhada em Anexo 1).

Quadro 10. *Distribuição das tipologias familiares em função da trajetória desenvolvimental.*

	Coesas (N = 163)	Conflituosas (N = 22)	Equilibradas (N = 104)	Desligadas (N = 45)	Emaranhadas (N = 53)
Trajetoária desenvolvimental	N (%)	N (%)	N (%)	N (%)	N (%)
Adaptativa	134 (82.2%)	7 (31.8%)	60 (57.7%)	32 (71.1%)	26 (49.1%)
Inadaptativa	29 (17.8%)	15 (68.2%)	44 (42.3%)	13 (28.9%)	27 (50.9%)

Em suma, com base nos *odds ratio* (Field, 2009), a probabilidade de pertencer a uma família: Coesa é 3.7 vezes superior numa trajetória adaptativa; Conflituosa é 4.3 vezes superior numa trajetória inadaptativa; Equilibrada é 1.7 vezes superior numa trajetória inadaptativa; Desligada é 1.27 vezes superior numa trajetória adaptativa; e Emaranhada é 2.45 vezes superior numa trajetória inadaptativa.

Discussão

No presente estudo pretendemos analisar, numa amostra de adolescentes, com idades compreendidas entre os 15 e 19 anos, e adultos emergentes, com idades entre os 20 e 25 anos: a relação entre o clima familiar, os processos de desenvolvimento da identidade e a sintomatologia psicológica; o papel moderador da etapa de desenvolvimento e das trajetórias (in)adaptativas na relação entre o clima familiar e os processos de desenvolvimento da identidade; as tipologias das famílias dos adolescentes e dos adultos emergentes, a partir das dimensões coesão e conflito; e a associação entre as tipologias familiares identificadas, a etapa e trajetória desenvolvimental, a sintomatologia psicológica e os processos de desenvolvimento da identidade. Desta forma, pretendeu-se dar resposta aos problemas de investigação identificados, nomeadamente a inexistência de estudos que analisem o papel moderador da etapa e trajetória desenvolvimental na relação entre o clima familiar e os processos de desenvolvimento da identidade, e a associação entre tipologias familiares e etapas desenvolvimentais.

Relação entre o clima familiar e os processos de desenvolvimento da identidade: papel moderador da etapa e da trajetória desenvolvimental.

Os resultados obtidos mostraram que a etapa desenvolvimental modera a relação entre a coesão familiar e a exploração em amplitude, sugerindo que quanto maior o nível de coesão familiar percebida pelos adolescentes, menor o nível de exploração em amplitude, enquanto, os adultos emergentes, perante o aumento da coesão familiar exploram mais em amplitude. Estes resultados reforçam a ideia de que o contexto familiar (i.e., clima familiar, práticas parentais) influencia os filhos de forma distinta, de acordo com a etapa do ciclo de vida em que se encontram (Relvas, 2006), sendo consistentes com evidências que sugerem que a relação entre o controlo parental e os processos de desenvolvimento identitário difere entre as etapas desenvolvimentais (Pesigan, Luyckx & Alampay, 2014).

Perante este resultado, podemos hipotetizar que as famílias com níveis muito elevados de coesão familiar podem dificultar o processo de autonomização dos adolescentes, não os estimulando a explorar várias alternativas identitárias antes de fazerem compromissos. A diferenciação dos adolescentes em relação às famílias envolve um caminho centrífugo em relação a estas, contudo nas famílias com níveis muito elevados de coesão, este caminho pode ser bloqueado pelo reforço de movimentos centrípetos que impedem o adolescente de explorar vários projetos alternativos. Neste sentido, é também plausível assumir que os

adolescentes de famílias com elevada coesão familiar percebam a exploração extra-familiar como uma ameaça à identidade e estrutura familiar, pelo que tendem a identificar-se com os valores familiares e a desenvolver uma identidade mais fechada (Marcia, 1980), i.e., compromissos e objetivos claros e rígidos, sem uma fase de exploração prévia. Com efeito, Bartoszyk e Pittman (2010) sugerem que os adolescentes que estabelecem compromissos sem exploração prévia tendem a desenvolver uma identidade fechada e que a adoção desta abordagem mais passiva no processo de desenvolvimento da identidade pode estar associada à obediência excessiva aos pais (por exemplo, os filhos seguem os conselhos dos pais) ou a um *locus* de controlo externo.

Em relação aos adultos emergentes, o resultado obtido pode ser explicado através de diferentes argumentos. Por um lado, os adultos emergentes tendem a coabitar muito tempo com a família de origem por dificuldades na manutenção da independência e da segurança económica (Fleming, 1993; Jablonski & Martino, 2013; Vieira & Rava, 2012), o que pode também contribuir para o aumento da coesão familiar. O facto de os adultos emergentes terem, em casa dos pais, espaços de liberdade e autonomia, permite-lhes a vivência de uma vida adulta *soft*, i.e., a iniciação no mercado de trabalho precário e instável com o apoio familiar (Eurostat, 2009; Scabini, 2000), e de experimentarem várias alternativas identitárias, sem forçar o estabelecimento de compromissos. Para além disso, atualmente os pais têm uma maior disponibilidade financeira para apoiar os percursos dos filhos, possibilitando-os a investir mais na sua formação académica, profissional e no lazer (Brandão et al., 2012) e explorar mais em amplitude. Por outro lado, a manutenção de um “ninho cheio e muito coeso” pode contribuir para que os adultos emergentes percebam os níveis elevados de coesão familiar como uma forma de intrusão. Neste sentido, a perceção de intrusividade pode precipitar a exploração de vários projetos ou alternativas, aumentando a exploração em amplitude.

Os resultados obtidos mostraram também que a trajetória desenvolvimental modera a relação entre o conflito familiar e a exploração ruminativa, sugerindo que os participantes com uma trajetória adaptativa, perante o aumento do conflito familiar, tendem diminuir o nível de exploração ruminativa. Por outro lado, nos participantes com uma trajetória inadaptativa aparentemente não se observa uma alteração dos níveis de exploração ruminativa com o aumento do conflito familiar. Estes resultados podem ser explicados a partir dos pressupostos teóricos e empíricos do *social connectedness*, i.e., ao sentimento interno de pertença e de ligação ao mundo social. Considerando a associação negativa entre o nível de

social connectedness e o desajustamento psicológico mostrada em diversos estudos (e.g., Lee, Draper, & Lee, 2001; Lee & Robbins, 1998; Williams & Galliher, 2006), hipotetizamos que os participantes com trajetórias inadaptativas estão mais alheados e desligados dos contextos em que estão inseridos e mantêm uma postura de maior indiferença perante a conflituosidade familiar, pelo que o aumento do nível do conflito familiar não influencia significativamente a exploração ruminativa. Estando os participantes com uma trajetória desenvolvimental adaptativa mais ligados aos contextos sociais onde se incluem, (e.g., Lee, Dean, & Jung, 2008; Rossi, Stratta, & Capanna, 2012) nomeadamente, a família, são mais sensíveis à sua dinâmica relacional, pelo que tendem a ser influenciados pelo conflito através da diminuição da exploração ruminativa.

Apesar dos resultados obtidos na análise de correlações e dos resultados de outros estudos mostrarem uma associação positiva entre a exploração ruminativa e o conflito familiar (e.g., Beyers & Luyckx, 2016; Luyckx et al., 2006), a análise do efeito moderador da trajetória na relação entre conflito e exploração ruminativa sugere uma associação negativa. Hipotetizamos que, independentemente da trajetória desenvolvimental, perante um nível baixo de conflito familiar há um nível mais elevado de ruminação (em comparação com o que existe quando há um nível elevado de conflito familiar) porque existe uma maior disponibilidade de recursos cognitivos e emocionais. Deste modo, na condição elevado conflito familiar, haverá um maior gasto energético na resolução de conflitos e uma menor disponibilidade cognitiva e emocional para ruminar e explorar diferentes alternativas (e.g., Rubio, Osca, Recio, Urien, & Peiró, 2015; Teixeira & Pereira, 2010).

Os resultados mostraram também que a etapa desenvolvimental é um preditor positivo do compromisso e negativo da exploração em amplitude e exploração ruminativa. Este resultado reforça a ideia de que a idade está positivamente associada ao aumento do estabelecimento de compromissos e tomada de decisões de vida, com o consequente decréscimo da exploração de diversas alternativas e questionamento constante acerca das escolhas pessoais (e.g., Crocetti et al., 2012; Fleming, 1993; Meeus et al., 2010).

Para além disso, a trajetória desenvolvimental foi identificada como um preditor positivo da exploração ruminativa e negativo do compromisso. Este resultado corrobora outros estudos que revelam uma associação positiva entre a exploração ruminativa e a psicopatologia (e.g., Mastrotheodoros, & Motti-Stefanidi, 2016), i.e., quanto mais frequente é o questionamento acerca das decisões e objetivos de vida, maior o índice de sintomatologia psicológica. Para além disso, os resultados obtidos vão ao encontro de estudos anteriores que

mostraram uma associação negativa entre a sintomatologia psicológica e o compromisso (e.g., Luyckx et al., 2006; Sica et al., 2014), i.e., quanto maior o nível de sintomatologia psicológica menor é a capacidade de estabelecer objetivos e projetos de vida.

Os resultados obtidos indicaram também que a exploração ruminativa é predita positivamente pela coesão familiar, não corroborando estudos anteriores que apontam para uma associação negativa entre estas variáveis (e.g., Syed & Seiffge-Krenke, 2013). Tendo em conta a hipótese levantada anteriormente em relação à associação negativa entre o conflito familiar e a exploração ruminativa, é plausível supor que a coesão familiar poderá permitir que os filhos tenham maior disponibilidade cognitiva e emocional para explorar e experienciar diversas alternativas antes de estabelecerem compromissos (Sprinthall & Collins, 2003). Nos adultos emergentes, a coesão familiar poderá ser potenciada pelo prolongamento da coabitação em casa dos pais, dificultando o processo de independência e, consequentemente, o estabelecimento de compromissos e formação da identidade (e.g., Vieira & Rava, 2012).

Tipologias familiares, sintomatologia psicológica e identidade.

Apesar de não existirem estudos que utilizem as designações propostas *ipsis verbis* (e.g., Coesas, Conflituosas, Equilibradas, Desligadas e Emaranhadas) e que identifiquem tipologias familiares através das dimensões conflito e coesão, as diferenças observadas entre as dimensões coesão e conflito permitiram uma distinção adequada das tipologias. Ressalva-se também o facto de as diferenças observadas irem ao encontro da literatura que mostra que as famílias Emaranhadas são caracterizadas por níveis muito elevados de coesão e conflito, e as famílias Desligadas apresentam níveis muito reduzidos de coesão (Gimeno, 2001; Minuchin et al., 1975; Olson, 2000).

Relativamente às diferenças nos níveis de sintomatologia psicológica, em função das tipologias familiares, os resultados mostraram que os participantes pertencentes a famílias Conflituosas e Emaranhadas apresentam um ISP mais elevado que os que pertencem a famílias Equilibradas, Desligadas e Coesas. Estes resultados corroboram outros estudos (e.g., Burnett et al., 2017; Inguglia et al., 2015; Miller et al., 2012; Morris, Silk, Steinberg, Myers, & Robinson, 2007; Reed et al., 2015) que evidenciaram a influência do contexto e da dinâmica familiar no desenvolvimento de trajetórias desenvolvimentais (in)adaptativas. Estes resultados reforçam a associação entre os níveis elevados de conflito familiar – que caracterizam as famílias Conflituosas e Emaranhadas – e o desajustamento psicológico

apontada por diversos autores (e.g., Cusimano & Riggs, 2016; Herrenkohl et al., 2012; Morawska & Thompson, 2009; Teodoro, Hees, Saraiva, & Cardoso, 2014).

Os resultados em relação às diferenças na exploração em profundidade em função das tipologias familiares sublinham o papel dos vínculos afetivos e relacionais familiares na exploração de alternativas após a adesão a compromissos. Estes resultados mostram, assim, que as tipologias familiares que se caracterizam por níveis elevados e médios de coesão (i.e., Coesas, Emaranhadas e Equilibradas) favorecem o ciclo de avaliação do compromisso proposto por Luyckx e colaboradores (2008a). Neste sentido, os dados sugerem que a proximidade relacional e afetiva pode funcionar como uma base segura para os adolescentes e adultos emergentes reavaliarem os seus compromissos de identidade atuais à medida que continuam a explorá-los. O facto de os participantes pertencentes a famílias Conflituosas apresentarem níveis mais baixos de exploração em profundidade sugere que a conflituosidade *per se* (i.e., sem proximidade afetiva) dificulta a avaliação do compromisso e bloqueia o desenvolvimento de uma identidade adaptativa (e.g., Luyckx et al., 2008b; Nelson et al., 1993).

À semelhança dos resultados referentes à exploração em profundidade, os resultados da exploração em amplitude, compromisso e identificação com o compromisso reforçam também o papel da união familiar no ciclo de formação e avaliação do compromisso (Monteiro & Confraria, 2014). Para além disso, estes dados mostram que os adolescentes e adultos emergentes que percecionam as suas famílias como Emaranhadas e Coesas exploram diversas alternativas identitárias de uma forma pró-ativa, comprometendo-se e identificando-se com elas.

O facto de os participantes pertencentes a famílias Desligadas apresentarem os níveis mais baixos de exploração em amplitude corrobora os resultados de outros estudos que indicaram uma relação positiva entre um clima familiar percecionado como desligado e o desenvolvimento de uma identidade fechada ou difusa (e.g., Sandhu et al., 2012). Neste sentido, os resultados sugerem que adolescentes e adultos emergentes de famílias com vínculos afetivos pobres tendem a desligar-se também da exploração de alternativas para as suas vidas.

No que concerne à exploração ruminativa, os resultados apontam para que este processo seja facilitado com a pertença a famílias que tenham níveis elevados ou médios de coesão e de conflito (Emaranhadas e Equilibradas). Nestas famílias, a intensidade dos vínculos emocionais e afetivos pode funcionar como uma base segura para a exploração

progressiva de diversas alternativas. Todavia, a percepção da conflituosidade pode dificultar a adesão a compromissos, o que corrobora os trabalhos que sugerem uma associação positiva entre o conflito e a dificuldade no estabelecimento de objetivos (e.g., Luyckx et al., 2006, 2008b). Os participantes que pertencem a famílias Equilibradas e Desligadas revelaram os níveis mais baixos de compromisso e identificação com o compromisso, sugerindo que níveis médios ou baixos de coesão e de conflito não facilitam a adesão a valores, objetivos e crenças, e a integração destes no seu sentido de *self* (Luyckx et al., 2008a).

Na globalidade, os resultados mostram que a pertença a uma família Emaranhada pode significar um desafio desenvolvimental acrescido, no que concerne ao desenvolvimento da identidade e de psicopatologia. De facto, os dados sugerem que os participantes que pertencem a famílias com esta tipologia apresentam níveis elevados de psicopatologia e dos processos pertencentes aos ciclos de formação e de avaliação da identidade. Contudo, apresentam também níveis elevados de exploração ruminativa, sendo que este processo é perspetivado como um processo bloqueador do desenvolvimento identitário ou um processo não adaptativo (Luyckx et al., 2008). Os resultados apontam, assim, para que estes adolescentes e adultos emergentes, apesar de conseguirem explorar várias alternativas, de se comprometerem e se identificarem com elas, questionam-nas continuamente. Deste modo, hipotetizamos que o processo de desenvolvimento da identidade destes adolescentes e adultos emergentes seja um reflexo da dinâmica familiar em termos da intensidade e da coexistência de processos, aparentemente, díspares.

Tipologias familiares e etapas desenvolvimentais.

Os resultados mostraram uma associação entre a etapa desenvolvimental e as tipologias familiares, apontando para que na adolescência exista uma maior prevalência de famílias Conflituosas, Equilibradas e Desligadas, e na adultez emergente uma maior prevalência de famílias Coesas e Emaranhadas. Os resultados em relação à adolescência apontam para que a etapa do ciclo de vida familiar esteja associada à frequência de conflitos familiares, apoiando o trabalho de diversos autores (e.g., Alarcão, 2000; Braconnier & Marcelli, 2000). A literatura tem sugerido que, tendencialmente, na adolescência, os filhos desafiam mais a autoridade parental, contribuindo para a rigidificação e conflituosidade da interação familiar (Sprinthall & Collins, 2003; Steinberg, 1981). Para além disso, neste período, os filhos tendem a passar menos tempo com os pais, manifestando um maior distanciamento em relação à família (Monteiro & Confraria, 2014; Moreira, 2014). Os

resultados referentes às famílias Equilibradas podem ser interpretados atendendo ao facto de o processo de autonomia ser uma tarefa ambivalente, que envolve, simultaneamente, a procura da independência (que pode aumentar o conflito) e a manutenção do vínculo afetivo com os pais que pode contribuir para o aumento/manutenção dos níveis de coesão (Fleming, 1993; Machado, 2015; Silva, 2004). Para além disso, apesar de as etapas adolescência e famílias com filhos adolescentes serem habitualmente perspectivadas como um período com muitas dificuldades emocionais e relacionais, a maioria dos adolescentes e das famílias não apresenta dificuldades significativas (Shaffer & Kipp, 2007), o que pode também justificar este resultado.

Os resultados em relação à adultez emergente podem ser explicados atendendo às tarefas desenvolvimentais desta etapa. Nesta fase, é expectável que o processo de autonomia em relação à família de origem se finalize/materialize com a saída de casa dos pais. Quando a coabitação é prolongada, os vínculos afetivos com a família podem aumentar ou fortalecer-se, tendo em conta o suporte e a proteção que a família proporciona aos filhos (Brandão et al., 2012). Contudo, o reforço da coesão poderá ser percebido como intrusividade e aumentar os níveis de conflito, o que justifica a percentagem de famílias com o padrão emaranhado. Neste tipo de famílias, o vínculo afetivo pode funcionar como um obstáculo para a própria individualização dos adultos emergentes, anulando o desenvolvimento da identidade e promovendo a disfuncionalidade familiar.

Tipologias familiares e trajetórias desenvolvimentais.

Os resultados indicaram uma associação entre a trajetória desenvolvimental e as tipologias familiares, mostrando que os participantes com trajetórias adaptativas apresentam maior probabilidade de pertencer a famílias Coesas ou Desligadas e os que têm trajetórias inadaptativas apresentam maior probabilidade de integrar famílias Conflituosas, Equilibradas ou Emaranhadas. Estes resultados corroboram os trabalhos que mostram que a coesão está positivamente associada ao bem-estar dos filhos (e.g., Halloran et al., 2002; Lee et al., 2007); contudo, não apoiam a literatura que associa positivamente o desligamento familiar e a ausência de coesão ao desajustamento psicológico (Gilmeno, 2001; Olson, 2000). Neste sentido, poder-se-á hipotetizar que existem outras variáveis individuais (e.g., resiliência, estratégias de *coping*), sociais ou relacionais (e.g., suporte social) que possam funcionar como mecanismos explicativos desta relação, atenuando o impacto negativo do desligamento familiar (e.g., Borst, 2015).

Os resultados relativos às trajetórias inadaptativas, ao mostrarem que as famílias Conflituosas, Equilibradas e Emaranhadas estão associadas a trajetórias inadaptativas, reforçam os estudos que mostram que o conflito familiar contribui para o desenvolvimento de psicopatologia (e.g., Cruz et al., 2014; Lemos, 2010; Santos, 2013), realçando o impacto negativo da hostilidade, crítica e agressividade nos percursos dos filhos. Para além disso, apoiam a literatura que mostra que o emaranhamento familiar pode ser um fator de risco para o ajustamento psicológico porque atrasa o processo de individualização e influencia negativamente o desenvolvimento identitário (Gimeno, 2001). Na sua globalidade, estes resultados ressaltam a dificuldade que os adolescentes e adultos emergentes têm em lidar adaptativamente com níveis elevados e médios de conflito familiar.

Implicações para a literatura e para a prática

Os resultados deste trabalho que apontam para associação entre a coesão e o conflito familiar e os processos de desenvolvimento da identidade têm implicações para a literatura da Psicologia da Família e da Psicologia do Desenvolvimento, ao mostrarem a importância da dinâmica relacional familiar no desenvolvimento da identidade e nas trajetórias (in)adaptativas na adolescência e adultez emergente. O facto de os resultados deste estudo mostrarem que a relação entre o conflito e a exploração ruminativa é afetada pela trajetória desenvolvimental tem implicações para a literatura na área da Psicopatologia do Desenvolvimento e da Psicologia do Desenvolvimento. Especificamente, este trabalho realça a importância dos fatores de risco e de proteção serem contextualizados numa etapa desenvolvimental específica.

Além disso, este estudo vem dar resposta à inexistência de estudos que analisem as tipologias familiares, a sua prevalência nas etapas e trajetórias desenvolvimentais consideradas e a sua associação à perturbação emocional e processos de desenvolvimento da identidade. Os resultados deste trabalho podem constituir um desafio aos pressupostos do modelo circunflexo (Olson, 2000; Olson et al., 1979, 1983), ao mostrarem que os filhos das famílias que funcionam nos extremos de coesão e conflito (Emaranhadas, Conflituosas, Coesas e Desligadas) podem não apresentar níveis superiores de dificuldades desenvolvimentais. Para além disso, os resultados, ao mostrarem que a probabilidade de pertencer a uma família Equilibrada é superior se for adolescente, contribuem para a literatura que tem mostrado que a etapa da adolescência/famílias com filhos adolescentes também está associada a processos equilibrados e ajustados.

Este trabalho poderá também ter implicações para a prática clínica, no sentido de se adotar uma perspetiva ecossistémica e abordagem multidimensional, integrando a família (ou as representações familiares), no desenvolvimento de linhas de intervenção e de prevenção com adolescentes e adultos emergentes.

Limitações e Estudos Futuros

Embora o presente trabalho possa constituir-se como um contributo científico para as áreas suprarreferidas, importa referir algumas limitações. A amostra é de conveniência e foi recolhida através de uma técnica não probabilística, não permitindo a generalização dos resultados obtidos à população portuguesa. Sendo este um estudo transversal, não permite aceder ao processo de desenvolvimento dos processos de desenvolvimento da identidade e do clima familiar ao longo do tempo, pelo que não permite estabelecer relações causais nem analisar adequadamente a dinâmica do desenvolvimento da identidade. Os instrumentos utilizados, como são medidas de autorrelato, podem enviesar os resultados através de processos de desiderabilidade social. Não foram analisados os tipos de família (i.e., família nuclear intacta, monoparental, reconstituída) nem as significações associadas às dimensões do processo de desenvolvimento identitário (e.g., a exploração ruminativa é experienciada de forma diferente na adolescência e na adultez emergente). Por último, os modelos de moderação identificados apresentaram uma baixa percentagem de variância explicada.

Para colmatar as lacunas identificadas seria importante em estudos futuros incluir uma amostra mais alargada de forma a aumentar a validade externa. Além disso, poder-se-iam incluir amostras clínicas e forenses para uma análise mais aprofundada das trajetórias inadaptativas na adolescência e adultez emergente. Seria também importante realizar estudos longitudinais que permitam obter resultados mais fidedignos e estabelecer relações de causalidade. Em estudos futuros poderiam ainda ser utilizados instrumentos de hetero-relato para colmatar problemas de desiderabilidade social e triangular os dados (e.g., recolher dados com os pais). Por último, seria interessante estudar o papel de outras variáveis moderadoras (e.g., género, resiliência, estratégias de *coping*) e introduzir as restantes dimensões do clima familiar avaliadas pelo ICF (i.e., hierarquia e apoio) nas análises de *clusters*.

Referências

- Alarcão, M. (2000). *(Des)Equilíbrios Familiares* (1ª Ed.). Coimbra: Quarteto.
- Alarcão, M., & Gaspar, M. (2007). Imprevisibilidade familiar e suas implicações no desenvolvimento individual e familiar. *Paideia*, 17(36), 89-102.
- Andrade, C. (2016). Maturidade psicológica e independência financeira: um estudo com adultos emergentes universitários. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, 3(1), 28-35. doi:10.17979/reipe.2016.3.1.1457.
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55(5), 469-580. doi:10.1037//0003-066X.55.5.469.
- Arnett, J. J. (2005). The developmental context of substance use in emerging adulthood. *Journal of Drug Issues*, 35(2), 235-254. doi:10.1177/002204260503500202.
- Arnett, J. J. (2007). Emerging adulthood: What is it, and what is it good for?. *Child Development Perspectives*, 1(2), 68-73. doi:10.1111/j.1750-8606.2007.00016.x.
- Arnett, J. J., & Brody, G. H. (2008). A fraught passage: The identity challenges of African American emerging adults. *Human Development*, 51(5-6), 291-293. doi:10.1159/000170891
- Baggio, S., Studer, J., Iglesias, K., Daeppen, J. B., & Gmel, G. (2016). Emerging adulthood a time of changes in psychosocial well-being. *Evaluation & the Health Professions*, 1-18. doi:10.1177/0163278716663602.
- Bartoszuk, K., & Pittman, J. F. (2010). Profiles of identity exploration and commitment across domains. *Journal of Child and Family Studies*, 19(4), 444-450. doi:10.1007/s10826-009-9315-5
- Beavers, W. (2003). Functional and Dysfunctional Families. In G., Sholevar & L., Schwoeri (Series Eds), *Textbook of Family and Couples Therapy: Clinical Applications* (1ª Ed, pp. 317-340). London: American Psychiatric Publishing.
- Benetti, C. S. P. (2006). Conflito conjugal: Impacto no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(2), 261-268.

- Benvenuti, M., Mazzoni, E., & Piobbico, G. (2016). Being Online in Emerging Adulthood: Between Problematic or Functional. In M., Wright (Serie Ed.), *Identity, Sexuality, and Relationships among Emerging Adults in the Digital Age* (pp. 226-245). United States of America: IGI Global.
- Beyers, W., & Luyckx, K. (2016). Ruminative exploration and reconsideration of commitment as risk factors for suboptimal identity development in adolescence and emerging adulthood. *Journal of Adolescence*, 47, 169-178. doi:10.1016/j.adolescence.2015.10.018.
- Borst, J. B. (2015). A systematic review of the effects of family conflict: Focusing on divorce, infidelity, and attachment style. *Master of Social Work Clinical Research Papers*, 426. Retirado de http://sophia.stkate.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1428&context=msw_papers
- Braconnier, A., & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa: Climepsi.
- Brandão, T., Saraiva, L., & Matos, P. M. (2012). O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente: Especificidades do contexto português e brasileiro. *Análise Psicológica*, 30(3), 301-313.
- Branje, S. J. T., Hale, W. W., Frijns, T., & Meeus, W. H. J. (2010). Longitudinal associations between perceived parent-child relationship quality and depressive symptoms in adolescence. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 38, 751-763. doi:10.1007/s10802-010-9401-6.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. *Developmental Psychology*, 22(6), 723-742. doi:10.1037/0012-1649.22.6.723.
- Burnett, A. C., Lee, K. J., Cheong, J. L. Y., De Luca, C. R., Roberts, G., Wood, S. J., & Anderson, P. J. (2017). Family functioning and mood and anxiety symptoms in adolescents born extremely preterm. *Journal of Developmental & Behavioral Pediatrics*, 38(1), 39-48. doi:10.1097/DBP.0000000000000368.
- Canavarro, M. C. (1999). Inventário de Sintomas Psicopatológicos-BSI. In M., Simões, M., Gonçalves & L. S., Almeida (Series Eds.), *Testes e Provas Psicológicas em Portugal* (Vol. 2, pp. 1-27). Braga: APPORT/SHO.

- Canavarro, M. C. (2007). Inventário de Sintomas Psicopatológicos: Uma revisão crítica dos estudos realizados em Portugal. In M., Simões, C., Machado, M., Gonçalves, & L., Almeida (Series Eds.), *Avaliação psicológica: Instrumentos validados para a população Portuguesa* (vol. III, pp. 305-330). Coimbra: Quarteto Editora.
- Cicchetti, D., & Cohen, D. J. (2006). *Developmental Psychopathology. Volume 3: Risk, Disorder and Adaptation* (pp. 129-201). New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Cooper, C. R., Grotevant, H. D., & Condon, S. M. (1983). Individuality and connectedness in the family as a context for adolescent identity formation and role-taking skill. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 1983(22), 43-59. doi:10.1002/cd.23219832205.
- Crocetti, E., Rubini, M., & Meeus, W. (2008). Capturing the dynamics of identity formation in various ethnic groups: Development and validation of a three-dimensional model. *Journal of adolescence*, 31(2), 207-222. doi:10.1016/j.adolescence.2007.09.002.
- Crocetti, E., Scrignaro, M., Sica, L. S., & Magrin, M. E. (2012). Correlates of identity configurations: Three studies with adolescent and emerging adult cohorts. *Journal of Youth and Adolescence*, 41(6), 732-748. doi:10.1007/s10964-011-9702-2.
- Crowther, J. H., Kichler, J. C., Sherwood, N. E., & Kuhnert, M. E. (2002). The role of familial factors in bulimia nervosa. *Eating Disorders*, 10(2), 141-151.
- Cruz, D., Narciso, I., Pereira, C. R., & Sampaio, D. (2014). Risk trajectories of self-destructiveness in adolescence: Family core influences. *Journal of Child and Family Studies*, 23(7), 1172-1181. doi:10.1007/s10826-013-9777-3.
- Cummings, E. M., Davies, P.T., & Campbell, S. B. (2000). *Developmental Psychopathology and Family Process – Theory, Research and Clinical Implications*. New York: The Guilford Press.
- Cusimano, A. M., & Riggs, S. A. (2013). Perceptions of interparental conflict, romantic attachment, and psychological distress in college students. *Couple and Family Psychology: Research and Practice*, 2(1), 45-59. doi:10.1037/a0031657.
- Derogatis, L. R. (1982). *BSI: Brief Symptom Inventory*. Minneapolis: National Computers Systems.

- Dias, M. O. (2011). Um olhar sobre a família na perspectiva sistémica: O processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e Desenvolvimento*, 19, 139-156.
- Donnellan, M. B., Conger, R. D., & Burzette, R. G. (2007). Personality development from late adolescence to young adulthood: Differential stability, normative maturity, and evidence for the maturity stability hypothesis. *Journal of personality*, 75(2), 237-264. doi:10.1111/j.1467-6494.2007.00438.x.
- Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and crisis*. New York: Norton.
- Eurostat (2009). *Youth in Europe: A statistical portrait*. Luxembourg: Publications Office of the European Union.
- Ferreira, S., Pedro, M., & Francisco, R. (2015). “Entre marido e mulher mete a crise a colher”: A relação entre pressão económica, conflito e satisfação conjugal. *Psicologia*, 29(1), 11–22.
- Field, A. (2009). *Discovering statistics using SPSS* (3ª Ed). London: Sage Publications.
- Fiese, B. H. (1992). Dimensions of family rituals across two generations: Relation to adolescent identity. *Family Process*, 31(2), 151-162. doi:10.1111/j.1545-5300.1992.00151.x.
- Fleming, M. (1993). *Adolescência e Autonomia*. Porto: Edições Afrontamento.
- Francisco, R. (2015). *Inventário do Clima Familiar – versão para investigação*. Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.
- Francisco, R., Monteiro, A, Pinto, J. & Gaspar, A. (2016). Reflexões sobre a família contemporânea. Estudo empírico com estudantes da Universidade Católica Portuguesa. n H., Pinto, & J., Sardica (Series Eds), *Família: Essência e Multidisciplinaridade* (pp. 355-394). Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Geada, M. (1994). Sentido interno de coerência, clima familiar e comportamentos de risco de consumo de drogas na adolescência. *Análise Psicológica*, 12, 315-321.
- Gimeno, A. (2001). *A Família: O desafio da diversidade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Hall, C., Lindzey G., & Campbell, J. (2000). *Teorias da Personalidade* (4ª Ed). Porto Alegre: Artmed (Original publicado em 1957).

- Halloran, E. C., Ross, G. J., & Carey, M. P. (2002). The relationship of adolescent personality and family environment to psychiatric diagnosis. *Child Psychiatry & Human Development*, 32(3), 201-216. doi:10.1023/A:1017904722137.
- Hartigan, J. A., & Wong, M. A. (1979). Algorithm AS 136: A K-Means Clustering Algorithm. *Journal of the Royal Statistical Society, Series C*, 28, 100–108.
- Hayes, A. F. (2012). PROCESS: A versatile computational tool for observed variable mediation, moderation, and conditional process modeling [White paper]. Retirado de <http://www.afhayes.com/public/process2012.pdf>
- Herrenkohl, T. I., Lee, J. O., Kosterman, R., & Hawkins, J. D. (2012). Family influences related to adult substance use and mental health problems: A developmental analysis of child and adolescent predictors. *Journal of Adolescent Health*, 51(2), 129-135. doi:10.1016/j.jadohealth.2011.11.003.
- Imtiaz, S., & Naqvi, I. (2012). Parental attachment and identity styles among adolescents: Moderating role of gender. *Pakistan Journal of Psychological Research*, 27(2), 241.
- Inguglia, C., Ingoglia, S., Liga, F., Coco, A. L., & Cricchio, M. G. L. (2015). Autonomy and relatedness in adolescence and emerging adulthood: Relationships with parental support and psychological distress. *Journal of Adult Development*, 22(1), 1-13. doi:10.1007/s10804-014-9196-8.
- Jablonski, J., & Martino, S. D. (2013). A qualitative exploration of emerging adults' and parents' perspectives on communicating adulthood status. *The Qualitative Report*, 18(37), 1-12.
- Jones, E. (1999). *Terapias dos Sistemas Familiares*. Lisboa: Climepsi.
- Kerig, P. K., Ludlow, A., & Wenar, C. (2012). *Developmental psychopathology* (6th Ed.). New York: Mc-Graw Hill Higher Education.
- Kerr, D., Capaldi, D., Pears, K., & Owen, L. (2009). A prospective three generational study of fathers' constructive parenting: influences from family of origin, adolescent adjustment, and offspring temperament. *Developmental Psychology*, 45(5), 1257-1274. doi:10.1037/a0015863.

- Kiang, L., & Fuligni, A. J. (2009). Ethnic identity and family processes among adolescents from Latin American, Asian, and European backgrounds. *Journal of Youth and Adolescence*, 38(2), 228. doi:10.1007/s10964-008-9353-0.
- Klimstra, T., Hale III, W., Raaijmakers, Q., Branje, S., & Meeus, W. (2010). Identity formation in adolescence: change or stability?. *Journal of Youth and Adolescence*, 39(2), 150-162. doi:10.1007/s10964-009-9401-4.
- Kroger, J., & Marcia, J. E. (2011). The identity statuses: Origins, meanings, and interpretations. In S. J., Schwartz, K., Luyckx, & V. L., Vignoles (Eds.), *Handbook of identity theory and research* (pp. 31–54). New York: Springer.
- Kronenberg, W. G., & Thompson Jr, R. J. (1990). Dimensions of family functioning in families with chronically ill children: A higher order factor analysis of the Family Environment Scale. *Journal of Clinical Child Psychology*, 19(4), 380-388. doi:10.1207/s15374424jccp1904_10.
- Kublikowski, I., & Rodrigues, C. (2016). “Kangaroo Generations”: New contexts, new experiences. *Estudos de Psicologia*, 33(3), 535-542. doi:10.1590/1982-02752016000300016.
- Latzer, Y., Hochdorf, Z., Bachar, E., & Canetti, L. (2002). Attachment style and family functioning as discriminating factors in eating disorders. *Contemporary Family Therapy*, 24(4), 581-599. doi:10.1023/A:1021273129664.
- Lee, R. M., Dean, B. L., & Jung, K. R. (2008). Social connectedness, extraversion, and subjective well-being: Testing a mediation model. *Personality and Individual Differences*, 45(5), 414-419. doi:10.1016/j.paid.2008.05.017.
- Lee, R. M., Draper, M., & Lee, S. (2001). Social connectedness, dysfunctional interpersonal behaviors, and psychological distress: Testing a mediator model. *Journal of Counseling Psychology*, 48(3), 310-318.
- Lee, P., Hamman, D., & Lee, C. (2007). The relationship of family closeness with college students’ self-regulated learning and school adjustment. *College Student Journal*, 41(4), 779-788.
- Lee, R. M., & Robbins, S. B. (1998). The relationship between social connectedness and anxiety, self-esteem, and social identity. *Journal of Counseling Psychology*, 45, 338-345. doi:10.1037/0022-0167.45.3.338.

- Lemos, I. T. (2010). Risco psicossocial e psicopatologia em adolescentes com percurso delinquente. *Análise Psicológica*, 28(1), 117-132.
- Luyckx, K., Goossens, L., Soenens, B., & Beyers, W. (2006). Unpacking commitment and exploration: Preliminary validation of an integrative model of late adolescent identity formation. *Journal of Adolescence*, 29(3), 361-378. doi:10.1016/j.adolescence.2005.03.008.
- Luyckx, K., Klimstra, T. A., Duriez, B., Van Petegem, S., & Beyers, W. (2013a). Personal identity processes from adolescence through the late 20s: Age trends, functionality, and depressive symptoms. *Social Development*, 22(4), 701-721. doi:10.1111/sode.12027.
- Luyckx, K., Klimstra, T., Schwartz, S., & Duriez, B. (2013b). Personal identity in college and the work context: Developmental trajectories and psychosocial functioning. *European Journal of Personality*, 27, 222-237. doi:10.1002/per.1903.
- Luyckx, K., & Robitschek, C. (2014). Personal growth initiative and identity formation in adolescence through young adulthood: Mediating processes on the pathway to well-being. *Journal of Adolescence*, 37(7), 973-981. doi:10.1016/j.adolescence.2014.07.009.
- Luyckx, K., Schwartz, S. J., Berzonsky, M. D., Soenens, B., Vansteenkiste, M., Smits, I., & Goossens, L. (2008a). Capturing ruminative exploration: Extending the four-dimensional model of identity formation in late adolescence. *Journal of Research in Personality*, 42(1), 58-82. doi:10.1016/j.jrp.2007.04.004.
- Luyckx, K., Schwartz, S. J., Goossens, L., Beyers, W., & Missotten, L. (2011). Processes of personal identity formation and evaluation. In S. J., Schwartz, K., Luyckx, & V. L., Vignoles (Series Eds.), *Handbook of identity theory and research* (pp. 77-98). New York: Springer.
- Luyckx, K., Soenens, B., Vansteenkiste, M., Goossens, L., & Berzonsky, M. (2008b). Parental psychological control and dimensions of identity formation in emerging adulthood. *Journal of Family Psychology*, 21(3), 546-550. doi:10.1037/0893-3200.21.3.546.
- Machado, M. (2015). *Adolescentes*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Marcia, J. E. (1966). Development and validation of ego-identity status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3(5), 551-558. doi:10.1037/h0023281.

- Marcia, J. E. (1980). Identity in adolescence. In J., Adelson (Series Ed.), *Handbook of adolescent psychology* (pp. 159-186). New York: Wiley.
- Marôco, J. (2007). *Análise estatística – Com utilização do SPSS* (3ª Ed.). Lisboa: Edições Sílabo, Lda.
- Mastrotheodoros, S., & Motti-Stefanidi, F. (2016). Dimensions of Identity Development Scale (DIDS): A test of longitudinal measurement invariance in Greek adolescents. *European Journal of Developmental Psychology*, 14(5), 605-617. doi:10.1080/17405629.2016.1241175.
- Matheis, S., & Adams, G. R. (2004). Family climate and identity style during late adolescence. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, 4(1), 77-95. doi:10.1207/S1532706XID0401_5.
- Meeus, W., Iedema, J., Helsen, M., & Vollebergh, W. (1999). Patterns of adolescent identity development: Review of literature and longitudinal analysis. *Developmental review*, 19(4), 419-461. doi:10.1006/drev.1999.0483.
- Meeus, W., Van De Schoot, R., Keijsers, L., Schwartz, S. J., & Branje, S. (2010). On the progression and stability of adolescent identity formation: A five wave longitudinal study in early-to-middle and middle-to-late adolescence. *Child development*, 81(5), 1565-1581. doi:10.1111/j.1467-8624.2010.01492.x.
- Mendonça, M., Andrade, C., & Fontaine, A. (2009). Transição para a idade adulta e adultez emergente: Adaptação do Questionário de Marcadores da Adultez junto de jovens portugueses. *Psychologica*, 51, 147-168.
- Mesquita, C., Ribeiro, F., Mendonça, L., & Maia, Â. (2011). Relações familiares, humor deprimido e comportamentos autodestrutivos em adolescentes. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 3, 97-109.
- Miller, E., McCullough, C., & Johnson, J. G. (2012). The association of family risk factors with suicidality among adolescent primary care patients. *Journal of Family Violence*, 27(6), 523-529. doi:10.1007/s10896-012-9443-3.
- Minuchin, S., Baker, L., Rosman, B. L., Liebman, R., Milman, L., & Todd, T. C. (1975). A conceptual model of psychosomatic illness in children: Family organization and family therapy. *Archives of General Psychiatry*, 32(8), 1031-1038. doi:10.1001/archpsyc.1975.01760260095008.

- Monteiro, P. & Confraria, L. (2014). Adolescência. In P., Monteiro (Coord.), *Psicologia e Psiquiatria da Infância e Adolescência* (pp. 339-358). Lisboa: Lidel.
- Moos, R. H. (1990). Conceptual and empirical approaches to developing family-based assessment procedures: Resolving the case of the Family Environment Scale. *Family Process*, 29(2), 199-208. doi:10.1111/j.1545-5300.1990.00199.x.
- Morawska, A., & Thompson, E. (2009). Parent Problem Checklist: measure of parent conflict. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 43(3), 260-269. doi:10.1080/00048670802653281.
- Moreira, R. (2014). Consumo de substâncias na adolescência. In P., Monteiro (Coord.), *Psicologia e Psiquiatria da Infância e Adolescência* (pp- 359-382). Lisboa: Lidel.
- Morris, A. S., Silk, J. S., Steinberg, L., Myers, S. S., & Robinson, L. R. (2007). The role of the family context in the development of emotion regulation. *Social Development*, 16(2), 361-388. doi:10.1111/j.1467-9507.2007.00389.x.
- Mullis, R. L., Graf, S. C., & Mullis, A. K. (2009). Parental relationships, autonomy, and identity processes of high school students. *The Journal of Genetic Psychology*, 170(4), 326-338. doi:10.1080/00221320903218356.
- Nelson, W. L., Hughes, H. M., Handal, P., Katz, B., & Searight, H. R. (1993). The relationship of family structure and family conflict to adjustment in young adult college students. *Adolescence*, 28(109), 29-40.
- Neuenschwander, M. (2002). *Desenvolvimento e Identidade na Adolescência*. Lisboa: Almedina.
- Nichols, M., & Schwartz, R. (2004). Structural Family Therapy. In M., Nichols & R., Schwartz (Series Eds.), *Family Therapy: Concepts and Methods* (6thEd., pp 176-203). Boston: Allyn and Bacon.
- Nielsen, N. (2006). Evaluation of family therapy. *Nordic Journal of Psychiatry*, 60(2), 137-143. doi:10.1080/08039480600583712.
- Nogueira, M. A. (1998). Relação família-escola: novo objeto na sociologia da educação. *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação*, 8(14-15), 91-104.

- Okon, D. M., Greene, A. L., & Smith, J. E. (2003). Family interactions predict intraindividual symptom variation for adolescents with bulimia. *International Journal of Eating Disorders*, 34(4), 450-457. doi:10.1002/eat.10215.
- Olson, D. H. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, 22(2), 144-167. doi:10.1111/1467-6427.00144.
- Olson, D. H., Russell, C. S., & Sprenkle, D. H. (1983). Circumplex model of marital and family systems: VI. Theoretical update. *Family Process*, 22(1), 69-83. doi:10.1111/j.1545-5300.1983.00069.x.
- Olson, D. H., Sprenkle, D. H., & Russell, C. S. (1979). Circumplex model of marital and family systems: I. Cohesion and adaptability dimensions, family types, and clinical applications. *Family Process*, 18(1), 3-28. doi:10.1111/j.1545-5300.1979.00003.x.
- Organização Mundial de Saúde (1997). *Adolescence the critical phase: the challenges and the potential*. Retirado de http://www.searo.who.int/entity/child_adolescent/documents/adolescence_critical_phase.pdf?ua=1, a 1 de agosto de 2017.
- Pais, J. (2009). A juventude como fase de vida: Dos ritos de passagem aos ritos de impasse. *Saúde e Sociedade*, 18(3), 371-381.
- Peleg-Popko, O., & Klingman, A. (2002). Family environment, discrepancies between perceived actual and desirable environment, and children's test and trait anxiety. *British Journal of Guidance and Counselling*, 30(4), 451-466. doi:10.1080/0306988021000025646.
- Pereira, A. I., Canavarro, C., Cardoso, M. F., Mendonça, D. (2009). Patterns of parental rearing styles and child behaviour problems among portuguese school-aged children. *Journal of Child and Family Studies*, 18(4), 454-464. doi:10.1007/s10826-008-9249-3.
- Pesigan, I. J. A., Luyckx, K., & Alampay, L. P. (2014). Identity processes in Filipino late adolescents and young adults: Parental influences and mental health outcomes. *Journal of Adolescence*, 37(5), 599-604. doi:10.1016/j.adolescence.2014.04.012.
- Pratta, E. M. M., & Santos, M. D. (2007). Família e adolescência: A influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 247-256.

- Prioste, A., Cruz, D., & Narciso, I. (2010). Circularidade Relacional: padrões de funcionalidade familiar percebidos e o ajustamento psicológico em adolescentes. *Psychologica*, 52(1), 447-467.
- Prioste, A., Lugar, A., Paulino, P., & Jongenelen, I. (2016). *Escala das Dimensões do Desenvolvimento da Identidade – versão portuguesa para investigação*. Escola de Psicologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Prioste, A., Narciso, I., Gonçalves, M., & Pereira, C. (2015). Family relationships and parenting practices: A pathway to adolescents' values? *Journal of Child and Family Studies*, 24(11), 3258-3267. doi:10.1007/s10826-015-0129-3.
- Reed, K., Ferraro, A. J., Lucier-Greer, M., & Barber, C. (2015). Adverse family influences on emerging adult depressive symptoms: A stress process approach to identifying intervention points. *Journal of Child and Family Studies*, 24(9), 2710-2720. doi:10.1007/s10826-014-0073-7.
- Relvas, A. P. (2006). *O ciclo vital da família – Perspectiva Sistémica* (4ª Ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Ribeiro, M. T. (2016). Contributos da Psicologia para o estudo da família. In R., Francisco, J., Pinto, & H., Pinto (Series Eds.) (2016). *Família e Psicologia: Contributos para a investigação e intervenção [Family and Psychology: Contributions to research and intervention]* (pp. 11-23). Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Riggs, S. A., & Han, G. (2009). Predictors of anxiety and depression in emerging adulthood. *Journal of Adult Development*, 16(1), 39-52. doi:10.1007/s10804-009-9051-5.
- Ritchie, R., Meca, A., Madrazo, V., Schwartz, S., Hardy, S., Zamboanga, B., Weisskirch, R., Kim, S., Whitbourne, S., Ham, L., & Lee, R. M. (2013). Identity dimensions and related processes in emerging adulthood: Helpful or harmful? *Journal of Clinical Psychology*, 69(4), 415-432. doi:10.1002/jclp.21960.
- Rodick, J. D., Henggeler, S. W., & Hanson, C. L. (1986). An evaluation of the family adaptability and cohesion evaluation scales and the circumplex model. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 14(1), 77-87. doi:10.1007/BF00917223.
- Rossi, A., Stratta, P., & Capanna, C. (2012). Social connectedness and psychopathology. *Journal of Psychopathology*, 18, 305-308.

- Rubio, C., Osca, A., Recio, P., Urien, B., & Peiró, J. M. (2015). Work-family conflict, self-efficacy, and emotional exhaustion: a test of longitudinal effects. *Revista de Psicología del Trabajo y de las Organizaciones*, 31(3), 147-154. doi:10.1016/j.rpto.2015.06.004.
- Sampaio, D., & Guerreiro, D. (2014). Comportamentos autolesivos na adolescência. In P., Monteiro (Coord.), *Psicologia e Psiquiatria na Infância e Adolescência* (pp. 383-392). Lisboa: Lidel.
- Sandhu, D., Singh, B., Tung, S., & Kundra, N. (2012). Adolescent identity formation, psychological well-being, and parental attitudes. *Pakistan Journal of Psychological Research*, 27(1), 89-105.
- Santos, M. C. (2013). *Problemas de saúde mental em crianças e adolescentes: Identificar, avaliar e intervir*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Sartor, C. E., & Youniss, J. (2002). The relationship between positive parental involvement and identity achievement during adolescence. *Adolescence*, 37(146), 221-234.
- Scabini, E. (2000). Parent-child relationships in Italian families: Connectedness and autonomy in the transition to adulthood. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(1), 23-30. doi:10.1590/S0102-37722000000100004.
- Scabini, E., & Manzi, C. (2011). Family processes and identity. In S. J., Schwartz, K., Luyckx, & V. L., Vignoles (Series Eds.), *Handbook of identity theory and research* (pp. 565-584). New York: Springer.
- Schulenberg, J. E., Sameroff, A. J., & Cicchetti, D. (2004). The transition to adulthood as a critical juncture in the course of psychopathology and mental health. *Development and psychopathology*, 16(4), 799-806. doi:10.1017/S0954579404040015.
- Schwartz, S. J., Beyers, W., Luyckx, K., Soenens, B., Zamboanga, B. L., Forthun, L. F., Hardy, S., Vazsonyi, A., Ham, L., Kim, Whitbourne, S. K., & Waterman, A. (2011). Examining the light and dark sides of emerging adults' identity: A study of identity status differences in positive and negative psychosocial functioning. *Journal of Youth and Adolescence*, 40(7), 839-859. doi:10.1007/s10964-010-9606-6.
- Schwartz, S. J., Hardy, S. A., Zamboanga, B. L., Meca, A., Waterman, A. S., Picariello, S., ... & Roberts, S. E. (2015). Identity in young adulthood: Links with mental health and risky behavior. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 36, 39-52. doi:10.1016/j.appdev.2014.10.001.

- Schwartz, S. J., Zamboanga, B. L., Luyckx, K., Meca, A., & Ritchie, R. A. (2013). Identity in emerging adulthood: Reviewing the field and looking forward. *Emerging Adulthood, 1*(2), 96-113. doi:10.1177/2167696813479781.
- Shaffer, D., & Kipp, K. (2007) *Developmental Psychology: Childhood and Adolescence* (7ª Ed). Australia: Wadsworth/Thomson.
- Sheeber, L., & Sorensen, E. (1998). Family relationships of depressed adolescents: A multimethod assessment. *Journal of Clinical Child Psychology, 27*(3), 268-277. doi:10.1207/s15374424jccp2703_4.
- Sica, L. S., Sestito, L. A., & Ragozini, G. (2014). Identity coping in the first years of university: Identity diffusion, adjustment and identity distress. *Journal of Adult Development, 21*(3), 159-172. doi:10.1007/s10804-014-9188-8.
- Silva, A. (2004). *Desenvolvimento de competências sociais nos adolescentes: perspectiva de prevenção em saúde mental na adolescência*. Lisboa: Climepsi.
- Silveira, P., & Wagner, A. (2006). Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. *Estudos de Psicologia, 23*(4), 441-453.
- Soares, I. (2000). *Psicopatologia do Desenvolvimento: Trajectórias (in)Adaptativas ao Longo da Vida*. Coimbra: Quarteto.
- Sprinthall, N., & Collins, W. (2003). *Psicologia do adolescente: Uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Starr, L. R., & Davila, J. (2008). Differentiating interpersonal correlates of depressive symptoms and social anxiety in adolescence: Implications for models of comorbidity. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology, 37*(2), 337-349. doi:10.1080/15374410801955854.
- Steinberg, L. (1981). Transformations in family relations at puberty. *Developmental Psychology, 17*(6), 833-840. doi:10.1037/0012-1649.17.6.833.
- Steinberg, L. (2001). We know some things: Parent–adolescent relationships in retrospect and prospect. *Journal of Research on Adolescence, 11*(1), 1-19. doi:10.1111/1532-7795.00001.

- Stocker, C. M., Richmond, M. K., Rhoades, G. K., & Kiang, L. (2007). Family emotional processes and adolescents' adjustment. *Social Development*, 16(2), 310-325. doi:10.1111/j.1467-9507.2007.00386.x.
- Sullivan, A. E., & Miklowitz, D. J. (2010) Family functioning among adolescents with bipolar disorder. *Family psychology*, 24(1), 60-67. doi:10.1037/a0018183.
- Syed, M., & Seiffge-Krenke, I. (2013). Personality development from adolescence to emerging adulthood: linking trajectories of ego development to the family context and identity formation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 104(2), 371-384. doi:10.1037/a0030070.
- Szapiro, A., & Resende C. (2010). Juventude: etapa da vida ou estilo de vida?. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 43-49.
- Teixeira, R. J., & Pereira, M. G. (2010). Funcionamento e exaustão familiar em situação de cancro parental. *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, 1271-1285.
- Teodoro, M. L. M., Allgayer, M., & Land, B. (2009). Desenvolvimento e validade fatorial do inventário do clima familiar (ICF) para adolescentes. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11(3), 27-39.
- Teodoro, M. L., Cardoso, B. M., & Freitas, A. C. H. (2010). Afetividade e conflito familiar e sua relação com a depressão em crianças e adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(2), 324-333.
- Teodoro, M. L. M., Hees, A. R. B., Saraiva, L. A., & Cardoso, B. M. (2014). Problemas emocionais e de comportamento e clima familiar em adolescentes e seus pais. *Psico (Porto Alegre)*, 45(2), 168-175.
- Thapar, A., Collishaw, S., Pine, D. S., & Thapar, A. K. (2012). Depression in adolescence. *The Lancet*, 379(9820), 1056-1067. doi:10.1016/S0140-6736(11)60871-4.
- Vieira, A., & Rava, P. (2012). Ninho cheio: perspectivas de pais e filhos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 14(1), 84-96.
- Vignoles, V. L., Schwartz, S. J., & Luyckx, K. (2011). Introduction: Toward an integrative view of identity. In S. J., Schwartz, K., Luyckx, & V. L., Vignoles (Series Eds.), *Handbook of identity theory and research* (pp. 1-27). New York: Springer.

- Westen, D., Betan, E., & DeFife, J. A. (2011). Identity disturbance in adolescence: Associations with borderline personality disorder. *Development and psychopathology*, 23(1), 305-313. doi:10.1017/S0954579410000817.
- Williams, K. L., & Galliher, R. V. (2006). Predicting depression and self-esteem from social connectedness, support, and competence. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 25(8), 855-874. doi:10.1521/jscp.2006.25.8.855.
- Zarrett, N., & Eccles, J. (2006). The passage to adulthood: Challenges of late adolescence. *New Directions for Student Leadership*, 2006(111), 13-28. doi:10.1002/yd.179.

ANEXOS

Anexo I:

Descrição detalhada dos dados do Quadro 9 e Quadro 10 – Distribuição das tipologias familiares em função das etapas e trajetórias desenvolvimentais

Através do Quadro 9 observou-se que: das 163 famílias Coesas, 59 (36.2%) são famílias com filhos adolescentes e 104 (63.8%) são famílias com adultos emergentes; das 22 famílias Conflituosas, 12 (54.5%) são famílias com filhos adolescentes e 10 (45.5%) são famílias com adultos emergentes; nas 104 famílias Equilibradas a frequência de famílias com filhos adolescentes e com adultos emergentes é equivalente ($n = 52$; 50%); das 45 famílias Desligadas, 24 (53.3%) são famílias com filhos adolescentes e 21 (46.7%) são famílias com adultos emergentes; por último, das 53 famílias Emaranhadas, 15 (28.3%) são famílias com adolescentes e 38 (71.7%) são famílias com adultos emergentes.

Através do Quadro 10 observou-se que: das 163 famílias Coesas, 134 (82.2%) são famílias com filhos com trajetórias desenvolvimentais adaptativas e 29 (17.8%) são famílias com filhos com trajetórias desenvolvimentais inadaptativas; das 22 famílias Conflituosas, 7 (31.8%) são famílias com filhos com trajetórias desenvolvimentais adaptativas e 15 (68.2%) são famílias com filhos com trajetórias desenvolvimentais inadaptativas; nas 104 famílias Equilibradas, 60 (57.7%) são famílias com filhos com trajetórias desenvolvimentais adaptativas e 44 (42.3%) são famílias com filhos com trajetórias desenvolvimentais inadaptativas; das 45 famílias Desligadas, 32 (71.1%) são famílias com filhos com trajetórias desenvolvimentais adaptativas e 13 (28.9%) são famílias com filhos com trajetórias desenvolvimentais inadaptativas; por último, das 53 famílias Emaranhadas, 26 (49.1%) são famílias com filhos com trajetórias desenvolvimentais adaptativas e 27 (50.9%) são famílias com filhos com trajetórias desenvolvimentais inadaptativas.

Anexo II:

Consentimento informado - Adultos emergentes

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

A Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias está a desenvolver um estudo sobre o desenvolvimento da identidade em adolescentes e jovens adultos. O estudo está sob a coordenação da Professora Doutora Ana Prioste.

Se tem entre 18 e 30 anos e pretender colaborar connosco, por favor, leia atentamente as informações abaixo:

QUAIS SÃO OS OBJECTIVOS DO ESTUDO?

É um projecto de investigação que pretende descrever o impacto de factores pessoais e familiares no desenvolvimento da identidade.

SE ACEITAR PARTICIPAR, O QUE ME É PEDIDO?

Pedimos-lhe que preencha um conjunto de questionários. Este preenchimento poderá levar cerca de 30 minutos.

QUAL A VANTAGEM DE PARTICIPAR?

A informação recolhida e analisada após o preenchimento dos questionários permitirá contribuir para o avanço do conhecimento sobre a relação entre as variáveis, ajudando-nos a prevenir e intervir mais eficazmente.

SOU OBRIGADO A PARTICIPAR?

A sua participação é voluntária. O preenchimento dos questionários poderá ser interrompido a qualquer momento.

QUEM TEM ACESSO AOS DADOS?

Os dados recolhidos são anónimos e confidenciais. Apenas os elementos da equipa de investigação têm acesso aos dados. Os dados serão tratados como um todo e não individualmente, e a sua eventual publicação só poderá ter lugar em revistas da especialidade.

SE PRECISAR DE MAIS INFORMAÇÕES, COM QUEM DEVO CONTACTAR?

Por favor, contacte com a responsável, Ana Prioste, para o e-mail anaprioste@gmail.com

Declaro ter tomado conhecimento dos objetivos do estudo e da participação que me é solicitada, **participando voluntariamente**. Concordo ainda que os dados sejam **trabalhados anónima e coletivamente** pelos investigadores responsáveis, no âmbito dos objectivos a que este estudo se dirige.

Rubrica: _____

Data: _____

Anexo III:

Consentimento e assentimento informado - Adolescentes

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

O/A seu/sua educando/a é convidado/a a participar voluntariamente num estudo desenvolvido pela Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e coordenado pela Professora Doutora Ana Prioste. Para que possa decidir se deseja ou não que o seu educando participe neste estudo, deve compreender quais os seus objetivos, potenciais riscos e benefícios, para que possa tomar uma decisão consciente. Todas estas informações estão presentes neste formulário designado por termo de consentimento informado. Leia atentamente este formulário e coloque à equipa do estudo todas as perguntas que considere necessárias. A equipa de investigação deste estudo irá esclarecer qualquer dúvida que tenha sobre este estudo, bem como quaisquer outras informações que julgue necessárias. Depois de compreender a finalidade deste estudo e se desejar participar, ser-lhe-á solicitado que assine este termo.

Contextualização e finalidade do estudo

Este estudo foi aprovado pela Comissão de Ética da Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, que consiste num grupo de pessoas independentes, que avaliam o protocolo do estudo verificando a existência de riscos para os participantes.

Este estudo tem como finalidade descrever o impacto de factores pessoais e familiares no desenvolvimento da identidade em adolescentes e em jovens adultos.

Se aceitar, o que é pedido ao meu educando/à minha educanda?

Pedimos-lhe que preencha um conjunto de questionários. Este preenchimento poderá levar cerca de 20 minutos.

Possíveis riscos ou inconvenientes da participação do meu educando/da minha educanda?

Não antecipamos riscos na participação do seu educando/da sua educanda.

Qual a vantagem de participar?

A informação recolhida e analisada após o preenchimento dos questionários permitirá contribuir para o avanço do conhecimento sobre a relação entre as variáveis, ajudando-nos a prevenir e intervir mais eficazmente.

Participação/ Abandono voluntário

A participação do seu educando/da sua educanda é voluntária, podendo recusarem-se a participar ou interromper a qualquer momento a participação no estudo, sem qualquer tipo de penalização por este facto.

Quem tem acesso aos dados?

Os dados recolhidos são anónimos e confidenciais. Apenas os elementos da equipa de investigação têm acesso aos dados. Os dados serão tratados como um todo e não individualmente, e a sua eventual publicação só poderá ter lugar em revistas da especialidade.

Condições financeiras inerentes ao estudo

Não será remunerado pela participação neste estudo. Não haverá portanto qualquer custo para o participante pela sua participação neste estudo.

Se precisar de mais informações, com quem devo contactar?

Por favor, contacte com a responsável, Ana Prioste, para o e-mail anaprioste@gmail.com

Declaração de Consentimento Informado

Fui informado de que a participação do meu educando/da minha educanda neste estudo é voluntária e que por isso podemos recusar-nos a participar, ou que podemos retirar-nos deste estudo a qualquer momento sem que qualquer tipo de penalização por esse facto.

Compreendi toda a informação presente neste formulário, nomeadamente os objectivos do estudo, e foi-me dada oportunidade de fazer perguntas, sendo que todas as minhas dúvidas foram esclarecidas.

Assim, aceito participar de livre vontade no estudo acima mencionado.

_____	____/____/____
Nome do participante	Data
_____	____/____/____
Nome da pessoa que obteve o consentimento	Data

Declaração de Assentimento

Fui informado de que a minha participação neste estudo é voluntária e que por isso posso recusar-me a participar, ou que posso retirar-me deste estudo a qualquer momento sem que qualquer tipo de penalização por esse facto.

Compreendi toda a informação presente neste formulário, nomeadamente os objectivos do estudo, e foi-me dada oportunidade de fazer perguntas, sendo que todas as minhas dúvidas foram esclarecidas.

Assim, aceito participar de livre vontade no estudo acima mencionado.

Nome do participante

____/____/____

Data Assinatura